

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

VÂNIA WARWAR ARCHANJO

O SIGNIFICADO DO LAZER PARA PESSOAS COM
CEGUEIRA ADQUIRIDA: ANÁLISE DE DEPOIMENTOS

São Paulo

2008

VÂNIA WARWAR ARCHANJO

O SIGNIFICADO DO LAZER PARA PESSOAS COM
CEGUEIRA ADQUIRIDA: ANÁLISE DE DEPOIMENTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elcie A. Fortes Salzano Masini

São Paulo

2008

A669s

Archanjo, Vânia Warwar

O significado do lazer para pessoas com cegueira
adquirida: análise de depoimentos / Vânia Warwar
Archanjo - São Paulo, 2009

96 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Dist. do Desenvolvimento) -
Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Elcie Ap. Fortes Salzano Masini

Referências bibliográficas : f. 37-38.

1. Lazer. 2. Deficiência visual. 3. Cegueira adquirida.
1. Título

CDD 612.84

VÂNIA WARWAR ARCHANJO

O SIGNIFICADO DO LAZER PARA PESSOAS COM
CEGUEIRA ADQUIRIDA: ANÁLISE DE DEPOIMENTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elcie Aparecida Fortes Salzano Masini
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Silvana Maria Blascovi de Assis
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Mary da Silva Profeta
Universidade Estadual Paulista

A meus pais, irmã e avó, estrelas e não apenas cometas em minha vida, maiores incentivadores dessa conquista, pela confiança e apoio na realização deste trabalho, por acreditarem neste sonho e não me deixarem desistir dele.

À toda a Família Archanjo, sempre comigo em meu coração.

Ao meu namorado e toda a sua família, por todo o carinho e paciência que demonstraram no decorrer desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna fonte de luz, força e sabedoria, pela determinação e aprendizado que me concedeu neste percurso desafiador, me mostrando sempre o melhor caminho a seguir.

À Prof^a. Dr^a. Elcie Masini, querida orientadora e uma das autoridades na área da deficiência visual, que acreditou na minha capacidade e abraçou este estudo com grande carinho e competência, estando sempre disposta e atenta às suas diretrizes para o meu crescimento pessoal, profissional e para o sucesso desta produção.

À Prof^a. Dr^a. Silvana Maria Blascovi de Assis, uma das minhas inesquecíveis professoras do Programa e componente desta Banca, pelo apoio e sugestões que fizeram a diferença na conclusão desta investigação.

À Prof^a. Dr^a. Mary da Silva Profeta, pelos comentários apontados de grande relevância para o caminhar desta pesquisa.

A todos os Professores do Programa em Distúrbios do Desenvolvimento, pelo aprendizado transmitido ao longo deste Curso.

Ao Instituto Benjamin Constant, IBC-RJ, em especial à Prof^a. Girlane Florindo e ao Prof. Leonardo Raja, por tamanho acolhimento e confiança no trabalho realizado nas dependências dessa Instituição.

Ao Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, uma brilhante referência nos estudos acerca do lazer que, em apenas um contato pessoal, teceu considerações fundamentais para o meu refletir.

À querida Fernanda Pereira, uma pessoa especial que com sua competência e profissionalismo participou ativamente na elaboração final deste trabalho.

À minha amiga Millena Luchetta, companheira e incentivadora, pelo apoio acadêmico e emocional nos momentos mais difíceis.

Assim como é possível ficar horrorizado com a devastação causada por doenças ou distúrbios do desenvolvimento, por vezes também podemos vê-los como criativos – já que, se por um lado destroem caminhos precisos, certas maneiras de executarmos coisas, podem, por outro, forçar o sistema nervoso a buscar caminhos e maneiras diferentes, forçá-lo a um inesperado crescimento e evolução (Oliver Sacks).

RESUMO

Esta investigação realizada com pessoas com cegueira adquirida buscou o significado do lazer para elas, por meio de entrevistas organizadas a partir de um questionário, composto de um item de identificação e oito perguntas de respostas abertas. Fundamentou-se em Marcellino (1983,1987, 1995, 2006) e suas reflexões sobre o lazer enquanto uma cultura vivenciada no tempo disponível, em Dumazedier (1973,1980), focalizando o lazer a partir dos interesses, e em Blascovi-Assis (1997) que enfatiza a necessária conscientização da sociedade no que se refere à realização de mudanças no universo do lazer. Com referência à deficiência visual buscou embasamento em autores como Masini (1994, 2007), que argumenta importância de considerar o referencial perceptual da pessoa sem a visão, em vez de compará-la com o referencial da pessoa vidente; em Paiva (2005) e a resolução adotada pelo Conselho Internacional de Sidnei sobre os termos relativos à deficiência visual; em Farias e Buchalla (2005), que trouxeram as contribuições da CID-10 e da CIF (OMS, 2003), que veio complementar a CID-10 ao delinear uma descrição de funcionalidade. O objetivo foi investigar o significado do lazer para dez pessoas com cegueira adquirida e registrar como vem ocorrendo as atividades de lazer desse público, bem como verificar os aspectos facilitadores e dificultadores nessa vivência. A linha diretriz foi a de analisar se as atividades de lazer propiciam o bem-estar às pessoas que adquiriram a cegueira. A análise das entrevistas foi realizada em quatro etapas: leitura cuidadosa das respostas de cada participante, referentes a cada pergunta; levantamento de categorias; categorização das respostas em Quadros; reflexão sobre os dados dos Quadros. Os dados analisados evidenciaram que para os sujeitos da pesquisa o lazer significa uma possibilidade de bem-estar, sozinhas ou em companhia de outras pessoas, uma vez que não se sentem incapazes para usufruir de atividades dessa natureza, já que as consideram tão possíveis para elas quanto para os que não têm deficiência visual.

Palavras-chave: Lazer, Deficiência Visual, Cegueira Adquirida.

ABSTRACT

This investigation conducted with people with acquired blindness sought the meaning of leisure to them, through interviews based on questionnaires compounded by an item of identification and eight questions leading to open answers. This same paper was based on Marcellino (1983, 1987, 1995, 2006) and his reflections on leisure as an experienced culture during an available time, Dumazedler (1973, 1980), focusing leisure on interests, and Blascovi-Assis (1997) who emphasizes the needed awareness of society as far as changing the universe of leisure. Making reference to visual impairment one sought to be based in authors such as Masini (1994, 2007), who discusses the importance of considering the person's perceptual referential with no sight, instead of comparing them with sighted people; on Palva (2005) and the resolution adopted by the International Council of Sidney about the related terms on visual impairment; on Farias and Buchalia (2005), who brought DSM-10 and FIC contributions (WHO 2003), complementing DSM-10 when tracing a functioning description. This work objective was to investigate the meaning of leisure to 10 people with acquired blindness and register how leisure activities have been occurring to this public, as well as verify the facilitating aspects and barriers to this experience. The guideline was analyzing if leisure activities propitiate well-being to people who acquired blindness. The interviews analysis happened in four phases: close reading of each participant's answers related to each question; classification in categories; answers categorization in charts; reflection on the data in the charts. The data analyzed showed that leisure to the subjects in the research means a possibility of well-being, by themselves or with others, once they do not feel unable to enjoy activities of such nature, since they consider the same activities as possible as they could be to the ones without visual impairment.

Key-words: Leisure, Visual Impairment, Acquired Blindness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Definição de graus de comprometimento visual, CID-10	30
Tabela 2	Índices de perda de visão	31
Quadro 1	Identificação dos sujeitos participantes.....	52
Quadro 2a	Categorização da resposta de cada participante à pergunta “O que é lazer para você?”.....	53
Quadro 2b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	54
Quadro 3a	Categorização dos locais de lazer freqüentados após terem adquirido a cegueira.....	56
Quadro 3b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias	57
Quadro 4a	Categorização das respostas dos participantes sobre como é a participação de cada um no lazer.....	59
Quadro 4b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	60
Quadro 5a	Categorização das respostas dos participantes sobre mudanças após ter entrado no IBC.....	62
Quadro 5b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	63
Quadro 6a	Categorização das respostas dos participantes sobre a participação de cada um em atividades de lazer proporcionadas pela sua família e amigos.....	65
Quadro 6b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	66
Quadro 7a	Categorização das respostas dos participantes sobre o lazer de cada um antes e depois de terem adquirido a cegueira.....	68
Quadro 7b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	69
Quadro 8a	Categorização das respostas dos participantes sobre as dificuldades para freqüentar espaços de lazer.....	71
Quadro 8b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	72
Quadro 9a	Categorização das respostas dos participantes sobre se sentirem incluídos no lazer após terem adquirido a cegueira.....	74
Quadro 9b	Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 O LAZER.....	15
1.2 A DEFICIÊNCIA VISUAL	28
1.2.1 A cegueira	36
1.2.1.1 <i>A cegueira adquirida</i>	37
2 METODOLOGIA	39
2.1 PARTICIPANTES.....	39
2.2 LOCAL DE COLETA DE DADOS	40
2.3 CONTEXTO DA PESQUISA.....	40
2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
2.5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	41
2.6 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DOS DADOS.....	43
2.7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	45
2.8 ANÁLISE DOS DADOS	52
2.8.1 Comentários sobre os quadros 2a e 2b	55
2.8.2 Comentários sobre os quadros 3a e 3b	58
2.8.3 Comentários sobre os quadros 4a e 4b	61
2.8.4 Comentários sobre os quadros 5a e 5b	64
2.8.5 Comentários sobre os quadros 6a e 6b	67
2.8.6 Comentários sobre os quadros 7a e 7b	70
2.8.7 Comentários sobre os quadros 8a e 8b	73
2.8.8 Comentários sobre os quadros 9a e 9b	76
2.9 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	85
ANEXO 1	86
ANEXO 2	90
ANEXO 3	91
ANEXO 4	94
ANEXO 5	95

INTRODUÇÃO

Considero fundamental a busca do prazer no lazer, o que não impede sua caracterização como um dos canais de atuação, no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas que signifiquem mudanças radicais no plano social (MARCELLINO, 1987, p. 41).

Este estudo analisa o significado do lazer para pessoas com cegueira adquirida e suas formas de participação nessas atividades.

A escolha deste tema foi desencadeada pelos motivos apresentados a seguir. Em primeiro lugar por querer proporcionar a uma parenta querida, que devido a glaucoma desenvolvia gradativamente uma deficiência visual, momentos de prazer e satisfação. Por presenciar com tristeza questionamentos de revolta desse familiar, ao querer usufruir do lazer e se sentir impedida, envergonhada e excluída diante dos outros em espaços de lazer. Por acreditar que o lazer é cada vez mais necessário diante das condições que a cidade do Rio de Janeiro oferece.

O desenvolvimento deste tema exigiu um olhar cuidadoso voltado para o que significa o lazer para os participantes deste estudo e de que forma realizam as atividades de lazer.

Este projeto fundamentou-se em princípios norteadores do lazer segundo autoridades nesse assunto à luz da qualidade de vida de quem dele faz uso, dentre as quais Marcellino (1983, 1987, 1989) e Dumazedier (1973, 1980). Para fins de esclarecimento, entendemos lazer enquanto uma vivência participativa realizada sem compromisso com um tempo determinado, visando a procura pelo prazer e satisfação naquela atividade ou situação. Este estudo buscou embasamento no uso do corpo e das formas de percepção de pessoas com deficiência visual no contexto do lazer, fundamentando-se em contribuições de autoridades em deficiência visual dentre as quais Masini (1994, 2007).

A fim de delinear nosso posicionamento neste trabalho, apresentamos a seguir algumas idéias básicas dos autores que constituíram diretrizes de nossa investigação.

Adotamos de Marcellino (1987) um dos aspectos norteadores e definidores do lazer:

[...] O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação [...] (Ibid., p. 31).

Visando explicar a relação perceptiva entre o corpo e o sujeito desprovido de um dos sentidos, Masini (2007) afirmou a importância de considerar o referencial perceptual da pessoa sem a visão, em vez de compará-la com o referencial da pessoa vidente. Segundo a autora:

O que não se pode desconhecer é que o deficiente visual tem uma dialética diferente, devido ao conteúdo – não visual quando se trata do cego ou reduzido, na pessoa com baixa visão – e à sua organização, cuja especificidade é a de referir-se aos sentidos predominantes de que dispõe. (Ibid., p. 24).

A promoção de uma abordagem sobre o lazer de pessoas com cegueira adquirida é relevante por contemplar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Há restrita quantidade de produções acadêmicas sobre esta temática. Em levantamento realizado em janeiro de 2008 no banco de dados e dissertações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) constatou-se um inexpressivo número de pesquisas acerca do lazer e da deficiência, totalizando apenas seis registros desta natureza. Não foram encontrados estudos voltados para o significado do lazer para pessoas com cegueira adquirida.

Algumas perguntas direcionaram este estudo, dentre as quais destacamos as que seguem. Como se caracteriza o lazer para uma pessoa que adquiriu a cegueira? O que diferencia a prática do lazer, sob esta nova condição, em relação a anterior? Quais as condições que favorecem sua participação nas atividades do lazer e quais as situações que não se sente incluído?

Nessa perspectiva, a pesquisa focalizou a realização de atividades de lazer por pessoas com cegueira adquirida no município do Rio de Janeiro. Os dados registrados foram coletados por meio de entrevista, com dez questões orientadoras, sendo que a primeira buscava traçar um perfil dos participantes.

O grupo selecionado para participar desta pesquisa foi composto por dez pessoas de ambos os sexos que tinham idade entre 32 a 59 anos. Eram atendidas no Instituto Benjamin Constant (IBC-RJ), onde freqüentavam atividades de reabilitação devido à aquisição da cegueira.

A pergunta diretriz que orientou este projeto foi sendo gradativamente delineada, ficando assim estruturada: Qual é o significado do lazer para pessoas já adultas que adquiriram a cegueira?

A partir dessa pergunta diretriz, foram definidos os objetivos deste estudo conforme segue:

Geral:

- Investigar o significado do lazer para dez pessoas com cegueira adquirida.

Específicos:

- Analisar quais as atividades de lazer dessas pessoas;
- Identificar aspectos que facilitam suas atividades de lazer;
- Identificar aspectos que dificultam a participação em atividades de lazer.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O lazer se caracteriza por resultar de uma escolha livre, por não estar submetido a nenhum fim lucrativo, utilitário ou ideológico; por ser marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si mesmo; por responder às necessidades individuais, em face das obrigações primeiras, impostas pela sociedade (DUMAZEDIER, 1980, p. 109).

1.1 O LAZER

Lazer, palavra derivada do latim *licere*, significa “ser lícito”, “ser permitido”. Este capítulo fundamenta-se basicamente em dois pesquisadores, autoridades em lazer: Dumazedier (1973,1980) e Marcellino (1983,1987, 1995, 2006). Na análise de Dumazedier (1973), os estudos sobre lazer tiveram início na Revolução Industrial.

No fim da Idade Média, as populações urbanas na Europa não ultrapassavam 100 mil habitantes e a maioria da população vivia e sobrevivia do trabalho na área rural. Nas cidades, distribuíam-se as moradias e os serviços urbanos, constituindo-se em trabalhos de artesãos e comerciantes, sendo a igreja o centro tanto da cidade como da vida administrativa.

Com o crescimento da população e da economia, no século XV, houve uma mudança no poder central, que deixou de ser controlado pela igreja. A sociedade "pré-industrial" trabalhava de acordo com as estações do ano, o que determinava períodos de pausas para repouso, cantos, jogos, celebrações e cerimônias.

No século XIX, com o desenvolvimento da indústria, a população rural, devido às ofertas de empregos e busca de melhores condições de vida, foi atraída para as cidades, que então passaram a ter mais de um milhão de habitantes. Esse aumento significativo de pessoas gerou enormes problemas sociais. Surgiram problemas de ordem ambiental devido à falta de saneamento e problemas de segregação social, desencadeados pela diferenciação no modo de vida das classes e o surgimento e/ou aumento das favelas.

Com a invenção da máquina e de novos métodos de trabalho, as pessoas, que outrora determinavam seus horários, já não tinham tempo livre para descanso,

pois se submetiam a buscar empregos nas fábricas e trabalhar muito, chegando a atingir uma carga de até 84 horas semanais de trabalho, utilizavam então o tempo restante para recuperar as energias e para desenvolver uma cultura própria e adaptada. Trabalhavam nesse ritmo homens, mulheres e crianças de qualquer idade, até quatorze horas por dia, para ajudar no sustento da família. Como conseqüência da carga horária, da carga de trabalho, do tédio da mecanização e da rotina nas fábricas, a saúde das pessoas ficou cada vez mais debilitada.

Ademais, segundo Dumazedier (1973), a revolução industrial desencadeou profundas alterações na vida social, tornando o trabalho mais fragmentado, tanto na execução como na organização do gerenciamento, implicando em uma maior fadiga para o sistema nervoso. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, entraram em campo as classes trabalhadoras lutando por condições de vida e de trabalho melhores e mais humanas, para conscientizar as pessoas da necessidade de um período de tempo dedicado ao repouso e à distração.

Como afirmou Marcellino (1983, 2006), a partir de 1831 uma série de leis foi estabelecida na Inglaterra para diminuir o número de horas do trabalho infantil e das mulheres, alterando em seguida, a jornada de trabalho dos homens que ficou fixada em 8 horas diárias, tornando obrigatório o descanso.

No século XIX, com a expansão e o avanço da tecnologia, o padrão de vida sofreu transformações radicais, como o aperfeiçoamento dos meios de comunicações e de transporte, fazendo mudar assim, o ritmo acelerado de vida das pessoas.

De acordo com Dumazedier (1973,1980), junto a todo o progresso e a esse ritmo acelerado de trabalho, cresciam também as dificuldades de conviver nos centros urbanos aglomerados com competições e choques de interesses, fazendo crescer o desgaste emocional e as tensões.

A fim de aliviar esse caos, surgiram os primeiros espaços de lazer - outrora destinados apenas à burguesia - como jardins públicos, clubes, etc.

Assim, a necessidade de recreação e bem-estar na sociedade foi sendo reconhecida e os espaços para as práticas recreativas e de lazer foram ampliadas visando o repouso não só o físico, mas principalmente o mental.

Destarte, de acordo com Marcelino (1983), diante do período da Revolução, associado aos avanços tecnológicos que evidenciavam a divisão do trabalho, a alienação do homem do seu processo e do seu produto, e o progresso tecnológico

possibilitando o aumento da produtividade e a conseqüente diminuição da jornada de trabalho, surgiu o lazer. Sob este aspecto, o lazer veio a significar uma resposta a reivindicações sociais frente à distribuição do tempo liberado do período do trabalho, ainda que essa partilha fosse interpretada apenas como descanso para fins de recuperação da força destinada ao trabalho.

Dumazedier (1980) concordou que essa foi a primeira condição, mas não a única a originar aspectos históricos pontuais para o surgimento do fenômeno lazer. Segundo esse autor (1980), a Revolução Cultural do Lazer foi iniciada por um movimento social integrado por grupos de trabalho conscientes da necessidade de mudança no meio do trabalho. Esses grupos eram compostos por trabalhadores que se sentiam dominados e que se opuseram aos grupos dominantes que tinham uma concepção integrista e total do trabalho, da produção, do consumo, da família, da política, da religião, enfim, de um dia-a-dia em que não há lugar para o novo estilo de vida do lazer.

Como ficou evidenciado por Dumazedier (1973, 1980) e Marcellino (1983, 2006), a Revolução Cultural do Lazer representou um significativo marco histórico para o fortalecimento da manifestação do lazer e suas possibilidades de atuação, uma vez que a procura naquele momento era por um novo estilo de vida, contrário àquele regido pela intensidade do trabalho em caráter integral.

Para Dumazedier (1980), a Revolução Cultural do lazer caracterizou-se como um movimento social minoritário, que se opôs não somente aos movimentos que buscavam a intensificação das forças produtivas, mas também as de defesa nacional, os movimentos de organizações científicas e até religiosas.

Ao ilustrar a Revolução Cultural do Lazer, Marcellino (1983) assinalou que este movimento veio como forma de reivindicação por formas mais espontâneas de relacionamentos sociais, pela afirmação da individualidade e pela contemplação da natureza. Acrescentou ainda que “observam-se mudanças nas relações afetivas, nas considerações sobre o próprio corpo, no contato com o belo, em síntese, na busca pelo prazer” (p. 15). Essa tendência no processo social pode ser ilustrada pelos finais de semana, férias e feriados, que geralmente são contemplados fora das grandes cidades; pelo desenvolvimento do campismo e passeios ao ar livre, entre outras atividades, tais como a busca pela intensidade em situações e em relacionamentos. Esse autor compreendeu a Revolução Cultural do Lazer também como uma utopia, significando a recuperação do humano no homem, que por vezes

tende a ocorrer em situações que contemplam os valores do lazer, entre a possibilidade de descanso e divertimento, influenciando o modo de vida, especialmente nas sociedades modernas (urbano-industriais).

Afirmou ainda que:

[...] a Revolução Cultural é alimentada por valores vivenciados a partir de um fato histórico – o lazer –, fruto da sociedade urbano-industrial e que, dialeticamente, incide sobre ela, como elemento gerador de novos valores que entram em conflito com os tradicionais (Ibid., 16).

Apesar da Revolução Cultural ser um processo gerado historicamente que fez emergir novos valores questionadores da sociedade e da natureza humana, Marcellino (1983) pontuou que para ele este não constituiu um movimento organizado, em virtude da ausência de objetivos claramente definidos, comando próprio e bases bem estruturadas. Para tanto, sugeriu que para que esses valores fossem de fato vivenciados pela população, sem restrições às minorias privilegiadas, seria importante que fossem assumidos por um movimento de democratização cultural.

Na relação entre o trabalho e o lazer, nos tempos da Revolução Industrial, o lazer foi conceituado como uma manifestação flexível, capaz de transformar certas situações de trabalho conservadoras, promovendo um possível aprimoramento do desempenho individual.

Dumazedier (1973) afirmou que o lazer é um fato social de extrema importância diretamente condicionado pelo tipo de trabalho que por sua vez, exerce sua influência sobre ele. Considerando que o trabalho só será dignamente humano se permitir um lazer de igual modo, humano, assegurou que:

[...] o lazer que não passar de uma simples evasão do trabalho, de uma fundamental falta de interesse pelos problemas técnicos e sociais do trabalho só será uma falsa solução de problemas da Civilização Industrial. Não é possível também tratar separadamente e, cada um de seu lado, os problemas próprios do lazer e os que pertencem ao trabalho. Na verdade, a humanização do trabalho, pelos valores do lazer, é inseparável da humanização do lazer determinada pelos valores do trabalho (Ibid., p. 110).

O autor assinalou a importância de uma reflexão profunda sobre lazer e trabalho de modo que, na qual ao abordar um deles o outro seja tão logo referenciado ou pontuado, não havendo um distanciamento entre os aspectos que os compõem.

Sob este direcionamento e reiterando Dumazedier (1973), Marcellino (1983) complementou que o lazer não pode ser considerado isoladamente como única fonte de realização humana numa sociedade cada vez mais desumana. Afirmou, ainda, que não é possível lidar separadamente lazer e trabalho, tendo estes o mesmo teor de relacionamento que a família e o trabalho escolar. Acreditando com isso que: “considerar apenas uma esfera da atividade humana, seja ela o trabalho ou o lazer, é entender o homem de maneira parcial” (MARCELLINO, 1987, p. 25).

É possível entender, a partir dos autores citados, que é natural a ocorrência de uma associação entre o lazer e o trabalho advinda de raízes históricas, no entanto, o lazer tende a significar ora um fenômeno complementar do trabalho diário, árduo, ora um fator determinante que atua sobre o próprio trabalho.

A estreita ligação entre o trabalho e o lazer não constitui ponto de embates, contudo, muitas outras características são empregadas para definir esse fenômeno “desinteressado”, como bem expressou Marcellino (1987).

Com grande frequência, há a associação do termo lazer às experiências individuais vivenciadas em um contexto que caracteriza a sociedade do consumo, reduzindo assim este conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de certas atividades. Quanto à finalidade do lazer, no senso comum, as mais sinalizadas são o divertimento e descanso.

Segundo Marcellino (2006, p. 08):

O uso indiscriminado e impreciso da palavra, englobando conceitos diferentes e até mesmo conflitantes, fundamenta a necessidade de tentar precisá-lo, no sentido de orientar discussões que contribuam para o seu entendimento e significado na vida cotidiana de todos nós.

É natural o uso da palavra lazer remetendo-a para um conteúdo de ação apenas, como jogar futebol ou praticar atividades artesanais, como momento de procura pelo relaxamento e descanso ou para o ato de entreter-se (MARCELLINO, 2006).

Essa constatação ilustra uma tendência de referência ao lazer sob uma visão parcial e limitada das atividades realizadas, reduzindo o seu âmbito e dificultando o seu entendimento. Para Marcellino (1987), essa tendência restritiva, que pode ser verificada na linguagem popular, é incentivada pelos meios de comunicação de massas que, ao veicular na programação de atividades setores culturais

consagrados como aqueles ligados ao esporte e à arte, distinguem as atividades de lazer quase sempre associadas a manifestações de massa, ao ar livre e de conteúdos recreativos.

Isso mostra que se faz urgente a correção e ampliação da visão de lazer no senso comum, para que sejam adequadamente difundidos os seus valores.

Nessa dissertação, lazer traz o significado de uma vivência participativa, geradora de prazer e satisfação, realizada em um tempo a critério do indivíduo na situação desenvolvida. Assim conceituado, o lazer tende a envolver o sujeito de modo integral, proporcionando desse modo a livre escolha sem qualquer condição determinada, restando tão somente a busca por um momento de plena realização.

Dessa forma, compreendemos o lazer como manifestação humana, capaz de possibilitar a contestação e a mudança de atitudes, que expresso através de ações culturais, pode possibilitar a transformação do estilo de vida das pessoas, das relações entre elas e os outros. Mas para isso é preciso compreendê-lo, não como um instrumento de dominação e de alienação, que impede a visão crítica das pessoas e camufla a realidade e os conflitos sociais existentes na sociedade, e sim como uma perspectiva de outras vivências modificadoras de valores e atitudes.

Diante desta questão conceitual, ao situar o lazer no campo da produção teórica, observa-se de início duas posturas: uma caracterizada pela abordagem indireta da questão, e outra pela direta.

A abordagem indireta do lazer pode ser identificada em duas situações: segundo Marcellino (1987, 1995). A primeira focaliza conteúdos culturais, ou seja, atividades artísticas ou práticas físicas. A segunda focaliza elementos de relações familiares, trabalho escolar e profissional. Sobre a abordagem direta, o autor destacou que o lazer é centralizado em sua especificidade, em estreita relação com as demais áreas de atuação do homem.

Ainda referenciando o lazer e a sua gama de significados, deve-se considerar a existência de duas grandes linhas: a que enfatiza o aspecto atitude e a outra, que privilegia o aspecto tempo.

Marcellino (1987, 2006) argumentou que o lazer tido como atitude caracteriza-se pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, o que fundamenta a satisfação provocada pela atividade. Dessa forma, qualquer situação tende a constituir oportunidade para a realização de atividades de lazer, até mesmo o trabalho, desde que contemple certas características, tais como a opção individual,

e um nível de prazer e satisfação elevados. Este aspecto atitude, considerando o lazer como um estilo de vida, independe de um tempo determinado.

O lazer restrito a um tempo, assim determinado e conceituado como tempo liberado do trabalho ou como tempo livre não só do momento do trabalho, mas de obrigações familiares, religiosas e sociais, leva a questionamentos. Segundo Marcellino (1987, 2006) uma pessoa pode, em determinado período de tempo, desenvolver mais de uma atividade, como por exemplo, ouvir música enquanto trabalha; não há tempo que possa ser tomado como livre de condições ou normas de conduta social impostas. Sob este ponto de vista, seria mais adequado falar em tempo disponível, invés de tempo livre.

Sendo assim, Marcellino (1987, p. 31) assumiu a seguinte definição de lazer:

[...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Já para Dumazedier (1973, p. 34):

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Tomado como referência nos estudos do lazer, Dumazedier (1973) esclareceu o quanto se faz necessário que tenhamos um tempo liberado, tanto das obrigações profissionais quanto das de outros tipos. Reforça a importância desse tempo considerando que a cultura moderna não pode ser adquirida e desenvolvida unicamente pela realização das obrigações diárias, já que esta implica atividades de aquisição e criação cuja efetivação depende da utilização de um tempo.

Continuamente, este autor (1973) referiu-se a três categorias correspondentes ao que define como três funções mais importantes do lazer: função de descanso; função de divertimento, recreação e entretenimento, e por fim a função de desenvolvimento. A função de descanso refere à liberação da fadiga, tendo o lazer o propósito de reparar o desgaste físico e o nervoso provocados pelas tensões

resultantes das obrigações cotidianas e do trabalho. A função de divertimento, recreação e entretenimento, em oposição ao tédio, remete seu significado à busca de uma satisfação encontrada em mudanças de ritmo e estilo cotidianos e ainda, na prática de atividades fictícias, tais como teatro, cinema, entre outras. A função de desenvolvimento, direcionada para a personalidade da pessoa, possibilita uma participação social maior e mais livre para a prática em uma cultura desinteressada do corpo, com a exploração de suas possibilidades, sentidos, percepções, da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica; oportuniza novas alternativas de integração voluntária à vida, em agrupamentos recreativos, culturais e sociais, e ainda permite o desenvolvimento livre de atitudes adquiridas no período escolar.

Complementando a função de desenvolvimento, é interessante a retomada de uma afirmação de Dumazedier (1973, p. 34):

A função de desenvolvimento pode ainda criar novas formas de aprendizagem (*learning*) voluntária, a serem praticadas durante toda a vida e contribuir para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Suscitará, assim, no indivíduo libertado de suas obrigações profissionais, comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal e social.

Frente ao exposto, o lazer pode ser considerado como: atividade que proporciona descanso e que possibilita a reparação das energias físicas e mentais dos indivíduos despendidas no trabalho e em diversas obrigações cotidianas; prazer e divertimento, quando rompe com o ritmo de vida através da recreação e do entretenimento; desenvolvimento, quando proporciona às pessoas a ampliação de personalidade através da participação e da sociabilidade, com mais liberdade.

Essas três funções, conhecidas entre os estudiosos do lazer como “teoria dos 3 D’s”, são estreitamente unidas umas às outras, ainda que possam parecer opostas. Essas funções encontram-se presentes, em graus variados, em todas as situações de lazer e entre todos os indivíduos, podendo cada uma manifestar-se individualmente ou até mesmo de forma simultânea, na mesma situação de lazer.

Dumazedier (1973) reiterou ainda que as relações entre o lazer e as obrigações da vida cotidiana e àquelas existentes entre as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento) acabam por definir de certo modo uma

participação crescente e ativa na vida social e cultural, tendo grande valia na cultura vivida de nossa sociedade.

Conforme afirmado pelo autor, essa cultura vivida é o modo como uma sociedade ou um indivíduo se comportam, e “é no estudo desse processo que se poderá reencontrar os modelos, a representação e os valores que formam as camadas do campo cultural.” (Ibid., p. 143).

Há uma ligação entre essas camadas, considerando os tipos de conhecimento prático, técnico, artístico e filosófico, e níveis de qualidade são variados, sendo muito ou pouco desenvolvidos de acordo com os indivíduos, classes e sociedades. Nesse sentido, todas as atividades da vida cotidiana, reais ou fictícias, podem integrar a base de uma vida cultural e constituírem o suporte de um desenvolvimento cultural.

Levando em conta a cultura vivida pelas massas, compõem atividades de lazer assistir a um espetáculo teatral ou ler uma obra literária, por exemplo, igualmente valorizadas em relação a um passeio, brincar ou viajar.

Todas essas atividades apresentam as mesmas características de vivência: nenhuma delas obedece a qualquer obrigação básica, como o trabalho que se tem com os filhos ou a educação que se dá a eles; não são organizadas para ganhar dinheiro, mas para sentir prazer e podem ser substituídas umas pelas outras na dependência de determinada situação ou da fantasia de qualquer um (Ibid., p. 142).

Compreendemos que o lazer não pode ser entendido como simples alternativa para a eliminação de tensões ou algo positivo que nos auxilie no convívio com as injustiças sociais. É fundamental, sobretudo, a busca do prazer no lazer, o que não impede sua identificação enquanto um dos canais de atuação, no plano cultural, visando objetivos não apenas reformistas, mas que respondam por mudanças radicais no plano social.

Nesse sentido, admitir e reconhecer a importância do lazer na vida moderna requer considerá-lo como um tempo privilegiado para o experimento de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural: “mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social” (MARCELLINO, 1987 p. 41).

Identificamo-nos e adotamos como referência norteadora desta investigação o significado de lazer de Marcellino (1987), por representar um direcionamento completo e objetivo, capaz de atender às expectativas de toda uma sociedade que

busca o lazer em sua totalidade, ainda que por vezes deficiente e pouco valorizado no plano cultural.

Há que se considerar acerca do lazer o que Marcellino (1995) chamou de “especificidade abstrata” e “especificidade concreta”. A “especificidade abstrata” está voltada para as concepções “funcionalistas” em suas várias nuances, favorecendo uma ação que colabora para a manutenção do *status quo*, uma vez que não leva em conta o contexto mais amplo e nem traz à tona questões referentes ao que Marcellino (1995, p. 16) definiu como o “todo inibidor”: “conjunto de variáveis que, tendo como pano de fundo a questão econômica, provoca as desigualdades quantitativas e qualitativas na apropriação do ‘tempo livre’”.

Visivelmente identificado com a “especificidade concreta” do lazer, Marcellino (1995) argumentou que ao considerá-la, a tendência é de situá-la enquanto reivindicação social, no qual o lazer é tido como fruto da sociedade urbano-industrial. Entre os aspectos que esta especificidade abarca estão: o amplo entendimento em termos de conteúdo; as atitudes que envolve; os valores que proporciona; seus aspectos educativos; suas possibilidades como instrumento de mobilização e de participação cultural; as barreiras socioculturais avaliadas para seu exercício, tanto intra como interclasses sociais. Essa ação assim entendida é geradora de novas competências, incentivadora da participação e do exercício da cidadania. “Exige a atuação de um novo especialista, engajado em equipes pluri e multidisciplinares, buscando um trabalho interdisciplinar” (Ibid., p. 18).

Identificamo-nos com o entendimento de lazer na especificidade concreta, na qual o fenômeno lazer tende a proporcionar o desenvolvimento de valores, incentivando atitudes mais participativas e mobilizadoras.

Dumazedier (1980) acrescentou aos seus estudos que a noção de lazer corresponde a componentes variados que devem ser diferenciados. Essa distinção toma como base os interesses do lazer, sendo entendido aqui o interesse como o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida. Esses interesses, distribuídos em cinco categorias são assim nomeados: interesses físicos, práticos, artísticos, intelectuais e interesses sociais.

De acordo com o que propôs o autor (1980), os interesses físicos são constituídos de atividades que exigem o movimento ou o exercício físico. Pressupõem basicamente a participação ativa e voluntária nas atividades destinadas à cultura física, desde àquelas relacionadas diretamente com a natureza, como o ato

de pescar ou passear ao ar livre, até práticas direcionadas exclusivamente ao próprio corpo, como a ginástica.

Nas atividades manuais, segundo o autor, os interesses práticos mostram a capacidade de transformação e manipulação de materiais e objetos com vistas a um idealismo que rejeita o consumismo e a massificação, em que a produção própria de objetos designa ao produtor o pleno domínio daquele processo, como as atividades artesanais ou de jardinagem que compõem este contexto.

Os interesses artísticos enaltecem o mundo imaginário e a procura pela beleza e encantamento. O autor acrescentou subdivisões destes interesses, ordenados pelos seguintes grupos: festas tradicionalmente sociais; espetáculos manifestados por cinema, teatro e música em que ocorre uma identificação com os intérpretes; atividades dominadas por personagens, como a literatura e, no quarto grupo, as artes plásticas, que transpiram a essência da imaginação ativa.

O contato direto com o real, com explicações racionais e informações concretas sintetizam os interesses intelectuais. Possuem uma dimensão capaz de atingir informações sobre arte, esporte e ao mesmo tempo, sobre aspectos profissionais e religiosos, por exemplo. Nesses interesses as atividades são voluntárias e restritamente inclinadas para a sensibilidade individual ou coletiva.

Na busca pelo relacionamento e contato direto, encontram-se enraizados os interesses sociais, compreendidos segundo o autor como pontos de encontro ou presença freqüente a reuniões, onde a procura significativa é pelo divertimento, informação e repouso. O autor inclui nesta categoria social o contexto familiar, que oferece possibilidades de lazer na interação com parentes; a sociabilidade espontânea, caracterizada por uma organização improvisada e de modo repentino, como os bailes, cafés e restaurantes e por fim, a sociabilidade organizada, verificada em associações das mais diversas espécies e em grupos previamente formados.

Marcellino considerou a classificação de Dumazedier como uma contribuição adequada, pois situa, no campo específico do lazer, as atividades que visam o atendimento das necessidades do corpo, entre as habilidade manuais, da mente, da sensibilidade e da sociabilidade. Levantou, no entanto, algumas indagações quanto à separação dos interesses em grupos:

Dessa forma, o indivíduo que participa de um grupo coral estaria interessado somente na prática musical? Talvez sim, talvez não. Pode-se afirmar, contudo, que está presente também uma série de possibilidades

para a satisfação de interesses sociais como, por exemplo, a oportunidade para fazer amigos. Aliás, praticamente todas as atividades de lazer, tanto na prática – caso da participação em grupos de teatro amador, equipes esportivas, etc. – quanto no consumo – caso dos cine-clubes, torcidas organizadas, etc. – oferecem grandes oportunidades de inter-relacionamentos (Ibid., 1983, p. 39).

Ademais, Marcellino (1983) questionou se o desenvolvimento das atividades seria marcado apenas por uma esfera do homem e, assim, o uso do corpo seria exclusivo dos interesses físicos e a criatividade estética ficaria desse modo restrita aos artísticos. Seguindo este mesmo raciocínio, se na prática de algumas atividades artísticas é necessária a utilização de exercícios físicos, na realização de qualquer atividade física pode haver uma grande dose de criatividade, também no sentido estético-artístico da palavra.

Diante destas e outras indagações, Marcellino argumentou que a distinção entre os interesses só pode ser feita em termos de predominância de escolha individual. Complementa que os interesses compõem um todo interligado e não formado por partes isoladas. Conclui que se somos capazes de estabelecer relações na semelhança das práticas ligadas aos interesses ou de uma delas ser base da outra, podemos também caracterizar, a partir de aspectos dominantes, cada um dos interesses que constituem o lazer.

Os impedimentos para desenvolver atividades de lazer variadas não devem ser buscados unicamente no plano social. Segundo Marcellino, pessoas com possibilidades sócio-econômicas significativas para ampliar seus interesses restringem suas atividades de lazer de tal maneira que se transformam em “manias” centralizadoras de toda energia e tempo disponíveis.

O lazer pode ainda ser considerado enquanto passivo ou ativo. Dumazedier (1973) comentou que para uns, a participação num espetáculo cinematográfico constitui uma atividade passiva e, a participação em um espetáculo dramático, seria então um lazer ativo. Em contrapartida, outros afirmam que participar de um espetáculo de qualquer natureza será sempre um ato passivo, seja um espetáculo esportivo, de teatro ou de cinema.

Consideramos que uma atividade de lazer em si mesma não é passiva ou ativa, pois somente o será pela atitude que o indivíduo assumir frente às atividades decorrentes do lazer. A atitude ativa e a atitude passiva não se opõem, já que o que ocorre são situações nas quais “[...] há pontos dominantes que variam de acordo

com os indivíduos e as circunstâncias, obedecendo a um continuum, que deveria ser medido por escalas de intensidade” (DUMAZEDIER, 1973, p. 257). E sintetizando a idéia de uma atitude ativa, “[...] é um conjunto de disposições físicas e mentais suscetíveis de assegurar o desabrochar ‘*optimum*’ da personalidade, dentro de uma participação ‘*optima*’ na vida cultural e social” (Ibid., p. 258).

Referenciando esses apontamentos de Dumazedier sobre a atitude passiva e ativa nas atividades de lazer, Marcellino afirmou que tanto a prática como o consumo, em qualquer dos interesses no lazer, poderão ser ativos ou passivos, dependendo da atitude dos sujeitos envolvidos e dos níveis em que são vivenciados. Assinala a relevância do equilíbrio quando se fala das atividades de lazer em termos de qualidade:

[...] no conteúdo, objetivando o atendimento dos vários interesses verificados no lazer; equilíbrio de funções, procurando balancear o repouso, entretenimento e o desenvolvimento das pessoas envolvidas; equilíbrio na forma – prática ou de consumo – tendo em vista a superação dos níveis, do conformista ao criativo (Ibid., p. 47-48).

Entendemos que as atividades de lazer encontram-se circunscritas num tempo livre, sem qualquer caráter de necessidade ou obrigação, podendo completar-se, equilibra-se e substituir-se umas às outras, de acordo com normas pessoais e coletivas. “São realizadas livremente a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam. Na maior parte das vezes, alcançam seus objetivos por si próprias” (DUMAZEDIER, 1973, p. 270).

Assinalando a importância do lazer para a população em geral, sem qualquer distinção, Marcellino (1983) afirmou que o lazer não pode mais ser tomado como “atividade de sobremesa ou moda passageira”, já que merece tratamento sério sobre suas possibilidade e riscos.

Sinalizando a urgência de maior seriedade no tratamento do lazer, o autor concluiu que:

Nesse sentido, proponho considerá-lo não como simples fator de amenização ou alegria para a vida, mas como questão mesmo de sobrevivência humana, ou melhor, de sobrevivência do humano no homem (Ibid., p. 17).

Concordando com Marcellino (1983), Blascovi-Assis (1997, p. 26) chamou a atenção para uma necessária conscientização gradativa da sociedade para a

realização de mudanças no tocante ao lazer como é assimilado nos dias atuais, ao afirmar:

Somente quando as questões desse tempo de descanso, divertimento e desenvolvimento forem levadas a sério é que o verdadeiro lazer “descompromissado” e “livre” poderá acontecer de maneira efetiva. Para que estas questões possam ser postas em prática, há necessidade de uma conscientização social gradativa, que permita que as transformações aconteçam no cotidiano e que seja conquistado um novo conceito de cidadania e de direitos humanos.

Entendemos que se torna imprescindível o desenvolvimento de um movimento capaz de reunir ações para a melhoria do lazer e seu significado, que conforme Marcellino (1987) é interpretado por seu caráter “desinteressado” e logo, pela satisfação provocada por sua vivência.

1.2 A DEFICIÊNCIA VISUAL

Numa sociedade em que o apelo visual se faz uma constante, torna-se difícil aceitar a possibilidade de interação social sem que haja a expressão e o contato visual, elementos que detêm um papel significativo no desenvolvimento evolutivo de todo indivíduo.

Abordar a deficiência visual implica diretamente na descoberta de um novo mundo, com outras imagens que funcionam como orientadores em atividades diárias e que, portanto, requerem considerações dos videntes para compreender suas funcionalidades.

Sacks (2006, p. 119) transitou neste contexto refletindo sobre a relação entre a visão, até então presente, e a ausência dela com o mundo. Pontuou que:

Nós que nascemos com a visão mal podemos imaginar tal confusão. Já que, possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento interessantes.

Amiralian (1997) afirmou que há definições quantitativas e funcionais para a deficiência visual, alertando que a maior preocupação dos especialistas em relação à deficiência visual é quanto “uma pessoa pode ou não pode ver”. Argumentou ainda que, ao contrário do senso comum, a pessoa cega, sob a ótica médica e educacional, não é aquela que não enxerga, pois é raro uma ausência total da percepção visual, podendo-se declarar que há graus de deficiência visual, não abrangendo todos os deficientes visuais numa mesma classificação. Esta variação é primordial para a constituição do sujeito, pois vai determinar se a percepção visual fará parte das formas que o sujeito terá de apreensão e interpretação do mundo.

Não obstante, transformar o que já era conhecido sob uma nova perspectiva parece demandar uma gama de considerações acerca do que de fato constitui a deficiência visual por aqueles que irão atender a pessoa com deficiência visual, de modo a conduzi-la visando seu bem-estar na sociedade.

Entendemos que são importantes essas considerações para os que desenvolvem atividades com pessoas com deficiência visual, pois, como afirmou Masini (1994) dizem respeito à forma que as pessoas que não dispõem da visão como sentido predominante percebem e organizam o mundo ao seu redor.

Há que se considerar ainda um conceito mais específico de deficiência visual que, sob parâmetros legais, compreende no Decreto n°. 5296 de 02 de Dezembro de 2004¹, Art.5°, Capítulo II – Do atendimento Prioritário, §1°:

c) deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os cegos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004).

De modo a clarificar a definição de cegueira sob parâmetros conceituais recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), trazemos as contribuições da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), apresentando-a na tabela 1, a seguir:

¹ Regulamenta as Leis n° 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Tabela 1: Definição de graus de comprometimento visual, CID-10

Graus de comprometimento visual	Acuidade visual com a melhor correção visual possível	
	Máxima menor que:	Mínima igual ou maior que:
1	6/18	6/60
	3/10 (0,3)	1/10 (0,1)
	20/70	20/200
2	6/60	3/60
	1/10 (0,1)	1/20 (0,5)
	20/200	20/400
3	3/60	1/60 (capacidade de contar dedos a 1 metro)
	1/20 (0,05)	1/50 (0,02)
	20/400	5/300 (20/1200)
4	1/60 (capacidade de contar dedos a 1 metro)	Percepção de luz
	1/50 (0,02)	
	5/300	
5	Ausência da percepção de luz	
9	Indeterminada ou não especificada	

Fonte: CID-10 (OMS, 2000)

[...] O termo “visão subnormal” compreende os graus 1 e 2 do quadro; o termo “cegueira”, os graus 3, 4 e 5, e o termo “perda da visão não qualificada”, o grau 9 [...].

Segundo Paiva (2005) a resolução adotada pelo Conselho Internacional de Oftalmologia em Sidnei, Austrália, em 20 de abril de 2002, definiu os seguintes conceitos acerca dos termos relativos à deficiência visual:

Cegueira: somente em caso de perda total de visão e para condições nas quais os indivíduos precisam contar predominantemente com habilidades de substituição da visão.

Baixa Visão: para graus menores de perda de visão nos quais os indivíduos podem receber auxílio significativo por meio de aparelhos e dispositivos de reforço da visão.

Visão Diminuída: quando as condições de perda de visão são caracterizadas por perda de funções visuais, como acuidade visual ou campo visual.

Visão Funcional: descreve a capacidade de uso da visão pelas pessoas para as Atividades Diárias da Vida (ADV). Sendo que muitas dessas atividades podem ser descritas apenas qualitativamente (Ibid., p. 30).

A autora (2005) informa ainda que, nesta mesma resolução, o Conselho Internacional de Oftalmologia (2002) definiu os índices de perda de visão conforme critérios apresentados na tabela 2:

Tabela 2: Índices de perda de visão

Visão normal	0,8
Perda leve da visão	<0,8 = 0,3
Perda moderada da visão	<0,3e = 0,125
Perda grave da visão	<0,125e = 0,05
Perda profunda da visão	<0,05e = 0,02
Perda quase total da visão	<0,02e = sem percepção de luz
Perda total da visão	Sem percepção de luz

Fonte: Conselho Brasileiro de Oftalmologia, 2002.

De acordo com Farias e Buchalla (2005), na CID-10 encontra-se a classificação das condições de saúde relacionadas às doenças, transtornos ou lesões, fornecendo para tanto um modelo fundamentado na etiologia, anatomia e causas externas das lesões. Acrescentam que a CID-10 representa um instrumento eficaz para as estatísticas da saúde, “[...] tornando possível monitorar as diferentes causas de morbidade e de mortalidade em indivíduos e populações [...]” (p. 188).

Na CID-10 nota-se um rigoroso cuidado quanto à classificação da cegueira, considerando a acuidade visual do indivíduo e o seu grau de comprometimento, categorizado em classes.

Farias e Buchalla (2005) destacaram que segundo a OMS, a CID-10 complementa outra classificação, a CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde), originada em 2001 na versão em inglês e traduzida para o português em 2003.

A CIF (OMS, 2003) apresentou uma descrição de funcionalidade e incapacidade relacionadas às condições de saúde de uma pessoa, apontando o que

esta é capaz ou não de realizar na sua vida cotidiana à luz das funções dos órgãos ou sistemas e estruturas do corpo, bem como suas limitações de atividades e de participação social no meio ambiente. É estruturada pelos seguintes componentes: funções do corpo, estruturas do corpo, deficiências, atividade, participação, limitações de atividade, restrições de participação e fatores ambientais.

Sendo assim,

Segundo a OMS, a CID-10 e a CIF são complementares: a informação sobre o diagnóstico acrescido da funcionalidade fornece um quadro mais amplo sobre a saúde do indivíduo ou populações. Por exemplo, duas pessoas com a mesma doença podem ter diferentes níveis de funcionalidade, e duas pessoas com o mesmo nível de funcionalidade não têm necessariamente a mesma condição de saúde (FARIAS; BUCHALLA, 2005, p. 189).

Tendo em vista a ilustração do que rege a CIF (OMS, 2003), ganha especial destaque as “funções do corpo” e as “estruturas do corpo”, componentes esses que salientam a visão e sua funcionalidade e, por conseguinte, o olho e sua estrutura no corpo, todos subdivididos de acordo com os interesses abordados.

De modo a detalhar com maior clareza a CIF (OMS, 2003) e suas atribuições acerca da visão, ressaltamos que esta Classificação compreende a acuidade visual como funções visuais que permitem perceber a forma e o contorno a curta e longa distâncias. A acuidade da visão de longe permite perceber o tamanho, a forma e o contorno de objetos distantes do olho, utilizando ambos os olhos para acuidade binocular ou utilizando apenas o olho direito ou esquerdo para monocular. Já a acuidade da visão de perto permite perceber o tamanho, a forma, o contorno dos objetos próximos ao olho, utilizando ambos os olhos para a binocular; e o olho direito ou esquerdo para a monocular.

A qualidade da visão é dada pelas funções visuais que envolvem sensibilidade à luz, visão das cores e sensibilidade a contrastes; a sensibilidade à luz e ao contraste são definidas, respectivamente, como funções visuais que permitem perceber uma quantidade e intensidade mínima de luz e que estão relacionadas à separação da figura do fundo, com mínima iluminação necessária (OMS, 2003).

Conceituar e identificar a cegueira implica na idéia de total ou sério comprometimento visual. A referência a pessoas cegas requer considerar um público heterogêneo, composto daqueles que são privados da percepção de luz, como

também dos que apesar de terem percepção de luz apresentam problemas graves, e são diagnosticados como legalmente cegos.

González e Díaz (2007, p. 101) respaldaram a compreensão de deficiência visual fazendo-se valer da acuidade visual do indivíduo apontada na definição legal, traçando uma distinção entre “cegueira, que supõe uma perda da visão, e deficiência visual, que se define pelos parâmetros de acuidade e campo visual [...]”.

A título de esclarecimento, por acuidade visual compreende-se o potencial que o indivíduo possui para identificar objetos a uma distância específica, sendo caracterizada por dois fatores: a distância e o ângulo formado pelos olhos no momento de apreciação do objeto. Já o campo visual remete-se ao grau que o olho pode abranger em cada direção, tendo nos limites normais 90° na parte externa, 50° na parte superior e 70° na parte inferior (GONZÁLEZ; DÍAS, 2007).

Canejo, Fogli e Orrico (2007) evidenciaram uma discussão acerca da deficiência visual comungando de termos e aspectos menos técnicos ao argumentar que sua definição inclui duas condições distintas, já citadas, que são a cegueira e a baixa visão. Entenderam que enquanto a primeira supõe a ausência total de visão incluindo a impossibilidade de indicação da projeção de luz, a segunda restringe-se a uma perda severa da visão, sem correção por meios clínicos e/ou cirúrgicos, nem tampouco pelo uso de óculos convencionais.

Ainda no que tange a baixa visão:

Em outras palavras, indivíduos com baixa visão, mesmo com o uso de óculos ou outros recursos óticos, enxergam muito pouco. É preciso também destacar que pessoas com baixa visão não constituem um grupo homogêneo, pois se caracterizam por aproveitar seu resíduo visual de diferentes maneiras (Ibid., p. 120).

Retomando González e Díaz (2007), ambas reorganizam o conceito de deficiência visual classificando seus elementos essenciais a partir de duas categorias: as parciais e as totais.

Diferentemente dos termos e conceitos elaborados por Orrico et.al., na primeira categoria encontram-se os defeitos óticos que agregam os problemas de refração do olho, encaixando-se a miopia, o astigmatismo e a hipermetropia, facilmente corrigidos com intervenções cirúrgicas. A ambliopia também constitui esta primeira categoria, identificada por uma sensibilidade imperfeita na retina, originando uma diminuição da visão. Na segunda categoria, a cegueira, há a distinção da

cegueira absoluta, quando o indivíduo é incapaz de detectar algo, e a cegueira parcial, quando se pode distinguir luz, contornos e sombras (Cf. GONZÁLEZ; DÍAS, 2007).

Entre tantas discussões acerca da deficiência visual, vale a pena ressaltar que tanto a cegueira quanto a baixa visão podem se apresentar de modo congênito ou comprometer o indivíduo em qualquer idade ou fase da vida. Essas condições podem surgir provenientes de um acidente, doença ou de forma gradativa.

A deficiência visual produz reflexos significativos no comprometimento de diferentes habilidades e atividades cotidianas do indivíduo, afetando para além da sua vida pessoal, indo em direção à vida familiar, social e profissional. Substancialmente, o modo de identificar tudo e todos que o cerca emerge uma nova condição, a de sentir, em oposição a de enxergar.

Masini (1994) chama a atenção para a situação do deficiente visual que participa de uma cultura que toma o “conhecer” como “ver” atendendo-o e avaliando-o a partir de um referencial perceptivo que ele não dispõe. Assim, o indivíduo deficiente visual “permanece oculto ao ser apresentado pela percepção unidimensional da visão [...]” (Ibid., p. 26).

Diante deste contexto, Masini (2007) argumentou:

Para compreender a pessoa com deficiência visual e sua maneira de relacionar-se no mundo que a cerca, há sempre a considerar sua estrutura perceptual e cognitiva, que exprime ao mesmo tempo sua generalidade e especificidade (o conteúdo e a forma, a dialética entre ambas). O ponto de partida é, pois, saber de sua experiência perceptiva [...] partilhar com o deficiente visual do conjunto dos caminhos de seu corpo, no fazer do dia-a-dia, para saber da sua experiência perceptiva (Ibid., p. 23).

Levar em conta a percepção e cognição do indivíduo deficiente visual nos mais diversos contextos significa favorecê-lo no seu todo, integralmente, propiciando oportunidade para que se sinta apto a atuar e interagir no meio.

Essa alternativa de interação envolve, sobretudo, a disponibilidade que este indivíduo com deficiência visual apresenta diante do mundo, fazendo o bom uso de sua vivência perceptiva, conforme afirmado pela autora:

[...] ele tem a possibilidade de organizar os dados, como qualquer outra pessoa e estar aberto para o mundo, em seu modo próprio de perceber e de relacionar-se; ou, ao contrário, estar fechado ao imediato que o cerca e a ele restrito [...] (Ibid., p. 24).

Essa concepção referente à percepção salienta que a pessoa com deficiência visual detém uma dialética específica, considerando o conteúdo e a sua organização, estruturada a partir do uso e dialética dos sentidos de que dispõe.

Para uma compreensão do que foi dito retomamos a argumentação dessa autora:

Essa dialética se renova em cada um, em seu próprio corpo, na mais simples das percepções, como na exploração sensorial. Os sentidos (visual, tátil, auditivo, gustativo, cinestésico) se traduzem uns aos outros sem necessidade de um intérprete, ao fazerem do corpo o sujeito da percepção. Cada órgão dos sentidos interroga o objeto à sua maneira: a visão não é nada sem um certo uso do olhar, ou seja, a maneira que o sujeito dirige e passeia seu olhar é de um modo diferente da de sua mão explorando tatilmente (Ibid, p. 24).

Fica assim ilustrado o mecanismo de percepção da pessoa com deficiência visual que ocorre no corpo, ao traduzir os sentidos enquanto fonte de significados. Estes sentidos, portanto, se fazem capazes de reestruturar a relação do indivíduo no mundo, numa perspectiva de fazê-la sentir e perceber por meio dos sentidos de que dispõe em sua totalidade.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 315):

Meu corpo é o lugar, ou antes, a própria atualidade do fenômeno de expressão (*Ausdruck*), nele a experiência visual e a experiência auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra, e seu valor expressivo funda a unidade antepredicativa do mundo percebido e, através dela, a expressão verbal (*Darstellung*) e a significação intelectual (*Bedeutung*). Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha “compreensão”.

Ainda sob esta reflexão acerca do corpo enquanto condição favorável de diálogo do indivíduo com deficiência visual com o mundo, Merleau-Ponty (1999) reiterou:

[...] meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe (Ibid., p. 317).

Ainda neste contexto, Sacks (2006) enalteceu, assim como Merleau-Ponty (1999), a função primordial do corpo neste universo, trazendo as contribuições de John Hull, a saber:

[...] O espaço é reduzido ao seu próprio corpo, e a posição deste é conhecida não pelos objetos que passaram por ele, mas pelo tempo que esteve em movimento [...]. Para o cego, as pessoas não estão lá se não falam [...]. As pessoas estão em movimento, são temporais, vêm e vão. Aparecem do nada; desaparecem (HULL, 1990 apud SACKS, 2006, p. 129)².

É perceptível, desse modo, a importância da experiência perceptiva, proveniente do corpo, para a estruturação de uma relação do sujeito com deficiência visual com aquilo que o rodeia, reafirmando sua essência de elaboração de conhecimento.

1.2.1 A cegueira

Por representar a perda de um dos sentidos mais utilizados no relacionamento do homem com o mundo, a cegueira é considerada uma deficiência grave, que pode ser apenas amenizada, já que não há cura, por tratamento médico específico e reeducação.

Para seu desenvolvimento e autonomia, entendemos que a pessoa com cegueira necessita ampliar a exploração e uso dos outros sentidos, que constitui condição essencial de conhecimento e reconhecimento do mundo à sua volta.

Assim como Masini (2007) assinalou para a pessoa com deficiência visual a importância de fatores perceptivos e cognitivos à luz do papel crucial do corpo e dos sentidos, Ochaíta e Espinosa (2004, p. 151) sinalizaram a indispensabilidade para a pessoa cega do uso do tato e do ouvido e ainda, “em menor medida, do olfato e do paladar, como substitutos da visão, que conferirá certas peculiaridades na construção do desenvolvimento e da aprendizagem”.

Neste linear, Amiralian (1997) sintetizou que pessoas cegas apresentam uma deficiência sensorial capaz de limitá-las quanto às possibilidades de compreensão do mundo externo, e de seu pleno desenvolvimento e ajustamento às situações cotidianas.

²Hull, John M. *Touching the rock: an experience of blindness*. Nova York: Pantheon Books, 1990.

Seguindo esta reflexão acerca da compreensão do cego sobre o que o cerca, Amiralian (1997) expôs:

A característica específica da cegueira é a qualidade de apreensão do mundo externo. As pessoas cegas precisam utilizar-se de meios não usuais para estabelecerem relações com o mundo dos objetos, pessoas e coisas que as cercam: esta condição imposta pela ausência da visão se traduz em um peculiar processo perceptivo, que se reflete na estruturação cognitiva e na organização e constituição do sujeito psicológico (Ibid., p. 21).

Compreendemos a função imprescindível da percepção para o indivíduo cego, capaz de torná-lo apto a reconhecer o seu entorno. É a real necessidade do cego em explorar os seus próprios recursos, opondo-se à submissão de referenciais padronizados, usualmente compostos para as pessoas videntes.

1.2.1.1 A cegueira adquirida

Tratando esta investigação de pessoas com cegueira adquirida, cabe atentar para condições variadas de causas, entre acidentes ocasionados e doenças repentinas.

Entre as doenças, destacam-se o glaucoma, a catarata e as distrofias periféricas e centrais, que atingem diretamente o aparelho ocular. Há aquelas associadas a outros problemas orgânicos, como a diabetes ou até síndromes neurológicas que comprometem o nervo óptico, onde a cegueira faz-se progressiva com tempo indeterminado para a permanência definitiva da perda total da visão (AMIRALIAN, 1997).

No caso da cegueira adquirida de forma súbita, por acidente ocasionado, há que se considerar uma expressiva reação de tensão diante do choque sofrido, e posteriormente, um grande sentimento de lamentação pela perda adquirida e futuras privações advindas do fato.

Ao primeiro impacto, a tendência é a de desenvolvimento de um quadro depressivo, que exigirá do indivíduo uma forte e sólida estrutura emocional para o enfrentamento da realidade implacável, mas que ocorre de forma diferenciada e proporcionalmente valorativa (SOUZA, 2000).

Já no caso da cegueira progressiva,

... a ausência do choque a possibilidade de convivência com a idéia de que pode vir a tornar-se cego pode, por um lado, ajudar aqueles que são capazes de enfrentar a adversidade, facilitando-lhes o acesso a informações e apoio antes do advento da cegueira; mas, por outro lado, pode criar um estado de contínua ansiedade pela ameaça de um perigo iminente [...] (AMIRALIAN, 1997, p. 70).

Além da perda do sentido da visão, a cegueira adquirida tende a trazer outras perdas: emocionais, das habilidades básicas (mobilidade, execução das atividades diárias), da atividade profissional, da comunicação e da personalidade como um todo. É uma experiência traumática, que deve ser acompanhada por terapeutas que tratem da pessoa e da família (GIL, 2002).

A título de reflexão, é retomada afirmação de Sacks (2006):

Nós, com a totalidade dos sentidos, vivemos no espaço e no tempo; os cegos vivem num mundo só de tempo. Porque os cegos constroem seus mundos a partir de seqüências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) e não sendo capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea de conceber uma cena visual instantânea (Ibid., p. 128).

Continuamente, o autor acrescentou que quando a pessoa perde a capacidade de ver o espaço, a idéia de um todo se torna incompreensível, ainda que seja uma pessoa inteligente que adquiriu a cegueira tardiamente.

Entendemos o quanto se faz essencial para a vida de uma pessoa com deficiência visual, a máxima exploração corporal da sua percepção - é a partir dela que é possível o reconhecimento do que há a sua volta, constituído não só do tempo, mas também do espaço - ao contrário dos videntes, que fazem o uso diário de uma percepção muito visual para se situar no tempo e no espaço.

Desse modo, compreendemos que a aquisição da cegueira tende a significar uma experiência impactante e assustadora e ao mesmo tempo, um desafio a vencer. Para tanto, se faz essencial a utilização da percepção do corpo, da sensibilidade, dos sentidos, potencializando-os nessa vivência de reconhecimento do mundo novo.

2 METODOLOGIA

[...] O desenvolvimento do estudo aproxima-se a um funil: no início há questões ou focos de interesse muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos. O pesquisador vai precisando melhor esses focos à medida que o estudo se desenvolve (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Para se atingir os objetivos propostos nesta investigação, a metodologia desenvolvida foi de modalidade qualitativa, referendada em Lüdke e André (1986). Foram realizadas entrevistas a partir de um questionário. Optou-se pela entrevista por constituir um recurso apropriado para o alcance dos objetivos.

[...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (Ibid., p. 34).

Seguindo as diretrizes dessas autoras (1986) e os fundamentos que apontam Bogdan e Biklen (1982), esta pesquisa assumiu as seguintes características: foi desenvolvida em uma situação natural, em um plano aberto e flexível buscando focalizar a realidade de forma complexa e contextualizada; a pesquisadora esteve presente fazendo uso de sua observação como seu principal instrumento; os dados coletados foram registrados de forma descritiva; a preocupação com o processo foi muito maior do que com o produto; os significados que as pessoas dão às coisas e à vida foram focos de atenção especial pela pesquisadora; e por fim, a análise dos dados seguiu um processo indutivo.

A grande preocupação foi a de retratar a perspectiva dos participantes referente ao lazer.

2.1 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 10 (dez) pessoas deficientes visuais de ambos os sexos, na faixa etária entre 32 a 59 anos, com cegueira adquirida na idade adulta. Todos os participantes vieram das mais variadas regiões da cidade do Rio de

Janeiro. Do ponto de vista sócio-econômico situavam-se nas classes baixa à média, e eram reabilitandos e integrantes da “Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional” (DRT) que funciona nas dependências do Instituto Benjamin Constant (IBC) e oferece subsídios para aquelas pessoas que perderam a visão e buscam o Instituto com o propósito de reaprenderem a perceber o mundo à sua volta.

Os critérios para inclusão dos participantes na pesquisa foram:

- * pessoas que adquiriram a cegueira na fase adulta;
- * freqüentar ou ter freqüentado espaços de lazer públicos e/ou privados;
- * freqüentar o DRT do IBC.

2.2 LOCAL DE COLETA DE DADOS

O local das entrevistas foi uma sala reservada, a fim de que as entrevistas fossem realizadas individualmente e com privacidade. O tempo previsto para as entrevistas foi de 40 a 50 minutos, respeitando o modo de cada entrevistado se expressar.

2.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada nas instalações do IBC, Instituto de atendimento à pessoas com deficiência visual, localizado no município do Rio de Janeiro conforme dados no anexo 1.

2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em fevereiro e março de 2008 foram feitos os primeiros contatos com o Instituto Benjamin Constant (IBC) com o objetivo de conhecer o trabalho de reabilitação e lazer lá desenvolvido.

Após marcar um horário, dirigimo-nos às divisões responsáveis esclarecendo o nosso propósito de realizar esta pesquisa naquele Instituto. Houve manifestação de interesse e satisfação por parte das equipes responsáveis em ter no Instituto um estudo sobre a temática deste trabalho, visto que são raros os pesquisadores que têm abordado esta questão.

Após concordância do IBC foi feito o agendamento das entrevistas e do local apropriado para serem realizadas, nas dependências do IBC.

Foram providenciadas a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinados ao Instituto Benjamin Constant (à Instituição) e aos sujeitos de pesquisa com cópia transcrita em Braille, caso optassem por essa alternativa. Respeitando as condições estabelecidas pelo IBC, a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Instituição foram dirigidos e assinados unicamente pelo Instituto, já que os participantes eram reabilitandos advindos de uma Divisão integrante do IBC que dispuseram também de carta de igual valor referente ao Sujeito de Pesquisa.

Foi expressa a vontade do Instituto em ter seu nome devidamente citado em produções acadêmicas, assim como foi nesta pesquisa, de forma a propiciar a disseminação do conhecimento.

2.5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Inicialmente, foi preenchida uma ficha de identificação com dados que permitiram delinear o perfil dos participantes e, em seguida, ocorreu a realização de uma entrevista de acordo com um questionário elaborado, como consta no anexo 5.

No instrumento utilizado para a coleta de dados foi necessário acrescentar uma informação não prevista na entrevista, que consta no item 1 (Identificação)

referente à letra d, quando foi perguntado com quem o participante reside, sendo assim adicionada a opção com “amigo(a)”.

Estes participantes foram submetidos a uma entrevista referente ao seu lazer bem como às atividades experimentadas por eles, solicitando-se que os aspectos salientados fossem justificados para que se obtivesse maiores informações do que ocorria com cada sujeito nos espaços.

A entrevista foi realizada por meio de um questionário composto de 10 (dez) perguntas, a fim de obter dados sobre como cada um definia o lazer, se havia atividades de lazer que praticavam propiciadas pela família e amigos, como era o lazer antes e depois de terem adquirido a cegueira e o que foi modificado após participarem de atividades no IBC.

Foi utilizado um aparelho gravador de áudio, de marca Panasonic modelo RQ-L 11 Mini Cassete Recorder, com a finalidade de auxiliar a pesquisadora no registro de dados, caso ocorressem dúvidas ou esquecimentos sobre dados das respostas obtidas. A gravação, além de ter favorecido o resgate de informações apresentadas, visou propiciar transparência e fidelidade aos dados levantados, respeitando desse modo a contribuição dos participantes.

A análise dos dados coletados foi desenvolvida tomando como referencial os princípios de uma pesquisa qualitativa direcionada segundo pontuações de Lüdke e André sobre essa etapa:

[...] o pesquisador já deve ter uma idéia mais ou menos clara das possíveis direções teóricas do estudo e parte então para “trabalhar” o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa. [...] Outro ponto importante nesta etapa é a consideração tanto do conteúdo manifesto quanto do conteúdo latente do material. É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente “silenciados” (Ibid., p. 48).

Foi de interesse deste estudo realizar análise levando em conta aspectos pouco abordados no universo da deficiência visual, tais como tipo de lazer escolhido e significado do lazer para a pessoa com cegueira adquirida.

2.6 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DOS DADOS

As respostas da primeira pergunta, referentes à identificação dos participantes, foram organizadas em um quadro para a visualização dos dados composto de dez colunas: sujeito, idade, sexo, tempo de cegueira (anos), estado civil, com quem reside, nível de instrução, função anterior e atual à cegueira e tempo de frequência no IBC (meses/ anos).

As respostas do questionário foram registradas por escrito, tendo a análise ocorrido paulatinamente em quatro etapas:

- 1ª. Etapa – Leitura cuidadosa das respostas de cada participante, referentes a cada pergunta, para levantamento de categorias;
- 2ª. Etapa – Organização das categorias e definição dos elementos que as compuseram;
- 3ª. Etapa – Organização das respostas em Quadros: de Categorização e de Agrupamento, com comentários;
- 4ª. Etapa – Reflexão sobre os dados dos Quadros.

A 2ª. Etapa foi realizada em dois passos:

- 1º. Passo – organização das categorias a partir de repetidas leituras, agrupando pontos semelhantes nas respostas dos participantes;
- 2º. Passo – definição dos elementos pertencentes a cada categoria, conforme segue:

Categoria 1 (C1), Momento pessoal: diz respeito ao bem-estar que o lazer proporciona, provocando sentimentos e atitudes capazes de gerar prazer e satisfação.

Categoria 2 (C2), Auto-entretenimento: refere-se às atividades desenvolvidas para conhecimento, auto realização em uma atividade, pelo prazer de executá-la envolvendo criatividade.

Categoria 3 (C3), Convívio: abrange fundamentalmente o contato e a interação com os outras pessoas.

Categoria 4 (C4), Atividade externa: engloba as atividades desenvolvidas em espaço abertos como parques e praças públicas.

Categoria 5 (C5), Entretenimento: referente a atividades desenvolvidas em ambientes com recursos específicos, como cinema, bailes, teatros, shoppings, etc.

Estas categorias foram elaboradas levando-se em conta, além dos aspectos apresentados pelos participantes, o embasamento teórico levantado e ainda, nossas considerações pessoais que seriam capazes de auxiliar quando necessário esta análise, embasadas pelo nosso bom senso e respeito em não desconfigurar ou alterar a essência das respostas transmitidas.

A 3ª. Etapa que diz respeito à categorização e agrupamento das respostas em Quadros levou em conta as categorias já delineadas para a organização das informações, com respectivos comentários.

Logo, as respostas da segunda pergunta sobre o que é lazer para os participantes foram apresentadas nos quadros sob três colunas: sujeito, descrição das situações e categorização.

Já as respostas da terceira pergunta, “Que espaços você frequenta ou já frequentou após adquirir a cegueira?”, foram estruturadas nos quadros a partir das seguintes colunas: sujeito, locais e categorização.

As informações obtidas a partir da quarta pergunta, que se referia à participação no lazer dos sujeitos, compuseram quadros de quatro colunas, entre: sujeito, grau de satisfação (subdividida em sem alteração, bom e melhor), descrição das situações e categorização.

Os quadros que representaram a pergunta sobre mudanças nesta participação no lazer após a entrada dos sujeitos no IBC foram organizados considerando cinco colunas: sujeito, sim mudou, não mudou, descrição das situações e categorização.

Do mesmo modo, as respostas dos sujeitos sobre a participação deles em atividades de lazer proporcionados pela família e amigos também foram estruturadas sob quadros com cinco colunas, entre: sujeito, sim participa, não participa, descrição das situações e categorização.

A pergunta que se referia a uma comparação do lazer dos sujeitos antes e depois de terem adquirido a cegueira nos proporcionou estabelecer quadros com três colunas: sujeito, descrição das situações (antes e depois da cegueira) e categorização.

Já a pergunta de número 8, “Atualmente você encontra dificuldades para freqüentar alguns espaços de lazer? Explique”, resultou em respostas organizadas em quadros de cinco colunas, a saber: sujeito, sim, não, descrição das situações e logo, categorização.

E por último, a nona pergunta que levantava uma reflexão a respeito dos sujeitos se sentirem incluídos ou não no lazer após terem adquirido a cegueira nos favoreceu a organização das suas respectivas respostas em quadros compostos também por cinco colunas, entre sujeito, sim, não, descrição das situações e categorização.

Por fim, a 4ª etapa deste estudo apresentou uma reflexão dos dados dos Quadros enquanto comentários por nós interpretados, sendo consideradas relações entre as contribuições teóricas deste estudo e este levantamento.

2.7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Pergunta 1- Identificação dos sujeitos (perfil)

Dados coletados e organizados em um quadro.

Pergunta 2- O que é lazer para você?

P1: Horário vago, diversão, ir ao cinema, ler livros.

P2: Sair para outro lugar diferente, teatro, cinema, casa de amigos.

P3: É um processo bem diversificado; dançar, ouvir música, ficar em casa e até tomar uma caneca de vinho seco.

P4: É estar entre os meus amigos, tocar o outro, sentir o outro.

P5: Fazer cerâmica, cestaria, curtir a vida, passear, andar, ir a bailes, beber e bater papo.

P6: É uma área da vida para divertimento em qualquer atividade, é um momento para refrescar as idéias, nos ajuda a aliviar o estresse, é uma terapia.

P7: É bem-estar, festas, lugares maravilhosos, aliviar a tensão, convívio, praia, um momento pessoal.

P8: Entendo como um meio de estar me comunicando com o outro, também trabalhar, tocar violão, entrar em contato e sentir alguém, isso traz felicidade.

P9: Ir a bar, pagode, passear, rir, dar gargalhada até chorar, ficar alegre.

P10: Sair, passear, andar com as colegas, rir e fazer piada com as colegas.

Pergunta 3 - Que espaços você frequenta ou já frequentou após adquirir a cegueira?

P1: Praias, restaurantes, cinemas, shoppings centers, lanchonete, quadras de esporte, danceteria/boates.

P2: Centro espírita, casa de amigos.

P3: Praias, restaurantes, shoppings centers, praças públicas, danceteria/boate.

P4: Praias, restaurantes, lanchonetes, danceteria/boate, pescar.

P5: Restaurantes, teatros, shoppings centers, museus, danceteria/boate, escola de samba.

P6: Shoppings centers, festas familiares.

P7: Restaurantes, igreja, serestas.

P8: Cinemas, lanchonetes, praças públicas, padaria.

P9: Igreja, festas familiares.

P10: Praias, restaurantes, shoppings centers, lanchonetes, praças públicas.

Pergunta 4 - Como é a sua participação no lazer?

P1: Maravilhosa, parece que depois de cega fiquei mais ativa, disposta, meu lazer é muito “elétrico”, não paro quieta.

P2: É boa, tento ficar sempre entre amigos para não me sentir sozinha, aí fico bem, me faz bem.

P3: Bem agitada, me sinto bem porque o meu grupo de amigos está sempre unido, temos uma comunhão bacana, e um sempre ajuda o outro; quase não fico em casa.

P4: Muito boa, pois me entrego de corpo e alma e isso me realiza, me sinto ótimo.

P5: Agora está cada vez melhor, depois que eu fiquei cego descobri que os meus momentos de lazer elevam a minha auto-estima, fico alto-astral.

P6: Na medida do possível é boa, me ajuda a refrescar as idéias.

P7: Posso dizer que é integrada, já que tento fazer do meu lazer um momento de prazer, alegria, felicidade, assim, tudo junto.

P8: É tudo de bom porque me sinto muito feliz, motivado, me sinto realizado.

P9: Parece que agora está melhor, acho que é porque as pessoas me tratam bem por onde eu passo, conversam comigo e eu mostro que o lazer continua fazendo parte da minha vida, mesmo depois de cega... é uma participação movimentada, pode ser né? Mas sempre tem alguém comigo.

P10: É boa porque me sinto bem, então procuro sempre sair com as amigas e ficar de bem com a vida.

Pergunta 5 - Essa participação mudou após ter entrado aqui no Instituto? De que modo?

P1: Sim, agora saio sozinha, aprendi que não preciso de ninguém me carregando para ir onde quero.

P2: Sim, hoje me sinto mais motivada, estou mais corajosa, aprendi muito aqui.

P3: Sim, aqui formei novas amizades e fiquei mais atrevida e sem medo do mundo escuro... só continuo tendo medo das ondas do mar!

P4: Sim, pois quando entrei aqui passei a entender que o mundo não tinha acabado, que agora tudo depende muito mais de mim, da minha força de vontade.

P5: Sim, tudo mudou, porque agora me sinto mais participante e atuante no lazer e isso me faz um bem danado.

P6: Sim, me ensinaram que posso continuar fazendo tudo o que quero e indo para os lugares que quero para me divertir, mas agora de um modo diferente, já que agora preciso da orientação de alguém; mas prefiro a minha bengala, ela é mais amiga!

P7: Sim, porque agora estou mais seletivo, escolho melhor o lazer que vai me dar alegria. Antes gastava toda vez que saía para passear e até para ir assistir a missa, hoje percebo que não preciso gastar para me divertir!

P8: Sim, porque aprendi orientação e mobilidade (OM), passei a ter mais experiência para passear e descobri que posso ir ao cinema também, posso sentir a história, o filme.

P9: Ainda não, porque ainda dependo de alguém para poder sair e não gosto de incomodar outras pessoas. Quando eu puder sair sozinha, aí sim vou me sentir livre para passear e ir na igreja.

P10: Sim, porque agora posso sair sozinha para vários lugares sem incomodar ninguém.

Pergunta 6 - Você participa de atividades de lazer proporcionadas pela sua família e amigos? Quais são elas?

P1: Sim, muitas. Parque, cinema, shopping e restaurante.

P2: Não, porque ninguém se importa comigo depois que eu fiquei cega.

P3: Sim. Bar, restaurante, forró na Feira de São Cristóvão e outras.

P4: Sim. Passeios ao ar livre, ir à praia, dançar e namorar muito!

P5: Sim. Churrascos e festas de aniversário.

P6: Não, ninguém se importa com o meu lazer, quando quero sair é um sacrifício até alguém ir comigo, há certa discriminação por parte da família. Amigos, agora só os daqui!

P7: Sim. Igreja, churrasco e passeios.

P8: Sim. Churrasco em casa, convívio em família e excursões da igreja.

P9: Não, uma vez ou outra vou à festas familiares com uma companhia. Às vezes não sou convidada ou me escondem o convite, não me falam.

P10: Não, só com as amigas vou à praia. Minha família me abandonou depois que eu fiquei cega, só minha mãe me liga de vez em quando.

Pergunta 7 - Faça uma comparação do seu lazer antes e depois de ter adquirido a cegueira:

P1: Antes era tudo incrível, agora é tudo escuro, tem algumas diferenças e condições que antes não tinham. Tem horas que me sinto um pouco presa, sabe?

P2: Antes era agitado, samba a noite toda, chegava em casa de manhã. Depois, passei a me sentir mais isolada, como se eu fosse proibida de algumas coisas.

P3: Antes era maravilhoso, podia fazer qualquer coisa e me divertir como eu quisesse. Agora continua bom, mas dou mais valor e importância ao meu lazer.

P4: Antes eu não dependia de ninguém, fazia tudo sozinho, depois notei que sempre vou precisar de alguém como referência, que seja os meus olhos que não tenho mais. Mas não me sinto inválido por isso, meu lazer é ótimo.

P5: Antes eu enxergava os prazeres do lazer com os olhos da visão, depois passei a ter felicidade no lazer sentindo o que não posso ver, tendo uma referência quando é possível.

P6: Antes saía normalmente, sozinha ou acompanhada, mas sempre indo onde queria e me divertindo do meu jeito. Depois parece que o meu lazer passou a depender de alguém ou de alguma coisa para me direcionar, mas tento fazer o que gosto.

P7: Antes era mais intenso, mais ativo e até mais irresponsável. Depois que fiquei cego meu lazer é com mais prudência, acho que estou mais comedido.

P8: Antes eu era muito bagunceiro e festeiro, esquecia das obrigações da vida. Depois com a cegueira fiquei mais tranquilo, responsável, hoje meu lazer depende de referências, nem tanto da ajuda de alguém, mas dos conselhos e dicas dos outros.

P9: Antes que eu via as coisas, não dava muita importância em valorizar o meu lazer. Depois que notei que preciso sempre de alguém, passei a dar valor às festas e à igreja.

P10: Antes tinha sempre a família por perto, passeava, ria, brincava. Depois que fiquei cega e aprendi que posso sair sozinha continuo passeando, mas só com as amigas, minha família não quis mais saber de mim.

Pergunta 8 - Atualmente você encontra dificuldades para frequentar alguns espaços de lazer? Explique:

P1: Sim, porque em lugares grandes e com movimento como shopping preciso sempre dos seguranças para me direcionar.

P2: Sim, porque no tumulto de certos lugares não há respeito e acabo ficando com medo de ir a certos lugares.

P3: Não, porque tenho que me adaptar à minha condição de cego. O mundo não se adapta a gente, nós é que nos adaptamos.

P4: Sim, porque preciso o tempo todo de alguém ou alguma coisa como guia. Através do som tenho uma referência, um caminho a seguir e me sentir seguro.

P5: Sim, sinto que falta acessibilidade, informativos em Braille e sonoro, pista tátil e mais respeito na rua. Falta referência.

P6: Sim, preciso de referências e orientações por onde ando, é a acessibilidade aos lugares que deixa a desejar.

P7: Não, porque a minha bengala me auxilia quando sinto dificuldades nos espaços.

P8: Ainda não porque sempre tenho alguém comigo, não tenho a experiência de andar sozinho para encontrar dificuldades.

P9: Sim, porque além de depender de alguém sinto que falta um acesso mais fácil nos espaços.

P10: Sim, porque ainda me falta mais domínio em atividades comuns, como colocar comida no prato em um restaurante sozinha ou atravessar a rua, pois não são todas as ruas que têm indicativo sonoro.

Pergunta 9 - Refletindo sobre essa nossa conversa, você se sente incluído (a) no lazer após ter adquirido a cegueira? Comente:

P1: Sim, porque me sinto à vontade nos lugares onde vou e percebi que nessa vida ninguém é igual a ninguém.

P2: Não, porque sinto que falta mais ajuda e apoio das pessoas e dos governantes ao tratar um cego, pois o lazer que temos aqui no Rio de Janeiro nem sempre é para todos.

P3: Sim, porque agora as pessoas que enxergam me valorizam mais e me admiram pela minha força de vontade nos espaços de lazer que frequento.

P4: Sim, faço de tudo para me incluir, procuro lugares para me sentir bem. Não quero me sentir coitadinho, sou normal, nós ensinamos muito ao outro, ao vidente principalmente, que somos como qualquer outro.

P5: Sim, desde que eu esteja com pessoas boas ao meu redor me sinto como qualquer pessoa, hoje em dia as pessoas me respeitam e tentam me incluir para eu me sentir bem, em qualquer lugar.

P6: Sim, porque tenho capacidade para fazer e ir onde eu quero e me divertir, mesmo com alguém. Não sou nenhuma coitada, tudo funciona bem; eu tenho pena de quem tem pena de mim.

P7: Sim, porque a cegueira não me impede de continuar convivendo normalmente com as pessoas e entre elas, seja na igreja, no restaurante ou

outro lugar. Na verdade, sou um exemplo para muitos videntes por aí, já me falaram isso.

P8: De certo modo sim, mas em alguns momentos, devido à insegurança por não dominar certo espaço, sinto que as pessoas me excluem porque sempre preciso de uma referência ou informação; acabo com isso me tornando um incômodo.

P9: Até que sim em alguns momentos onde as pessoas me conhecem, em outros lugares sinto que aquilo, o espaço, aquele divertimento, não é para mim, e com isso acabam me deixando sozinha, de lado, como uma pessoa sem utilidade; aí me sinto excluída.

P10: Sim se eu estiver com outra pessoa comigo. Se eu estiver sozinha sempre acho que tem gente falando de mim, rindo e me gozando nos lugares que gosto de ir; aí sim me sinto desprezada e excluída.

2.8 ANÁLISE DOS DADOS

Quadro 1 – Identificação dos sujeitos participantes

Sujeito	Idade	Sexo	Tempo de cegueira (anos)	Estado Civil	Reside	Nível de instrução	Função anterior à cegueira	Função atual	Tempo de frequência no IBC (meses e anos)
P1	32	F	5	Casada	Pais / Parentes	2º grau completo	Atendente de lanchonete	Artesã	36
P2	59	F	31	Solteira	Amigo/ Amiga (s)	1º grau incompleto	Copeira	Do Lar	12
P3	51	F	39	Casada	Cônjuge/ Parceiro	2º grau completo	Estudante-ser criança	Escultora	48
P4	59	M	10	Casado	Cônjuge/ Parceira	1º grau incompleto	Empresário	Ceramista	48
P5	57	M	5	Solteiro	Pais / Parentes	2º grau incompleto	Gráfico	Massoterapeuta	48
P6	49	F	3	Casada	Cônjuge/ Parceiro	2º grau incompleto	Cantineira	Artesã	12
P7	51	M	4	Casado	Cônjuge/ Parceira	2º grau completo	Vendedor	Vendedor	24
P8	43	M	18	Casado	Cônjuge/ Parceira	2º grau completo	Pedreiro	Massoterapeuta e auxiliar de radiologia	204 17 anos
P9	50	F	5	Solteira	Pais / Parentes	1º grau incompleto	Diarista	Do Lar	03
P10	37	F	23	Solteira	Amigo/ Amiga (s)	1º grau incompleto	Estudante	Do Lar	36

Quadro 2a – Categorização da resposta de cada participante à pergunta “O que é lazer para você?”

Categorização das respostas de cada sujeito						
Sujeito	Descrição das situações	Categorização				
		C1	C2	C3	C4	C5
P1	Horário vago, diversão Ler livros Cinema	X	X			X
P2	Casa de amigos Sair para outro lugar diferente Teatro, cinema			X	X	X
P3	Ficar em casa e tomar uma caneca de vinho Ouvir música Dançar	X	X			X
P4	É estar entre os meus amigos, tocar o outro, sentir o outro			X		
P5	Curtir a vida Fazer cerâmica, cestaria Beber e bater papo Passear, andar Bailes	X	X	X	X	X
P6	Divertimento, refrescar as idéias	X				
P7	Bem-estar, momento pessoal Convívio Lugares maravilhosos Festas	X		X	X	X
P8	Trabalhar, tocar violão Estar me comunicando com o outro, entrar em contato e sentir alguém		X	X		
P9	Rir, dar gargalhada até chorar, ficar alegre Ir a bar, passear Pagode	X			X	X
P10	Andar com as colegas, rir e fazer piada com as colegas Sair, passear			X	X	

P – sujeito participante

Categorização: C1 (momento pessoal), C2 (auto-entretenimento), C3 (convívio), C4 (atividade externa), C5 (entretenimento).

Quadro 2b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias		
Sujeito	Descrição das situações	Categorização
P1 P3 P5 P6 P7 P9	Horário vago, diversão Ficar em casa e tomar uma caneca de vinho Curtir a vida Divertimento, refrescar as idéias Bem-estar, momento pessoal Rir, dar gargalhada até chorar, ficar alegre	C1
P1 P3 P5 P8	Ler livros Ouvir música Fazer cerâmica, cestaria Trabalhar, tocar violão	C2
P2 P4 P5 P7 P8 P10	Casa de amigos É estar entre os meus amigos, tocar o outro, sentir o outro Beber e bater papo Convívio Estar me comunicando com o outro, entrar em contato e sentir alguém Andar com as colegas, rir e fazer piada com as colegas	C3
P2 P5 P7 P9 P10	Sair para outro lugar diferente Passear, andar Lugares maravilhosos Ir a bar, passear Sair, passear	C4
P1 P2 P3 P5 P7 P9	Cinema Teatro, cinema Dançar Bailes Festas Pagode	C5

2.8.1 Comentários sobre os quadros 2a e 2b

O quadro 2a nos mostra que os participantes referenciaram suas respostas em mais de uma categoria e propicia a oportunidade de delinear as características e preferências de cada sujeito. O sujeito P1, por exemplo, apresentou em sua resposta três aspectos distintos, entre o divertimento, a leitura de livros e a ida ao cinema, que favoreceram visualizá-lo em três categorias (C1, C3, C5), ocorrendo o mesmo com o sujeito P3 que colocou o ficar em casa, ouvir música e dançar, possibilitando aparecer em outras três categorias (C1, C2, C5) e com o sujeito P9 (rir e ficar alegre, ir a bar e passear, ir a pagode, C1, C4 e C5 respectivamente), Ainda, o sujeito P2 abordou a casa de amigos, sair para outro lugar diferente e a ida a teatro e cinema (C3, C4 e C5), também demonstrando três categorias.

Já o sujeito P7 transitou com suas colocações entre quatro categorias, a saber: C1, C3, C4 e C5 ao tratar de aspectos como o bem-estar, o convívio, a ida a lugares maravilhosos e a festas. Os sujeitos P8 e P10 contribuíram sob duas categorias diferentes, estando o primeiro nas C2 e C3 quando em sua fala argumentou atividades como trabalhar, tocar violão e estar em contato com o outro, e o segundo sujeito nas categorias C3 e C4, referindo-se ao convívio com colegas e sair, passear. O sujeito P4 expressou sua colocação atribuindo-a apenas uma categoria, C3, quando pontuou a integração com outras pessoas, assim como o sujeito P6 à categoria C1, sinalizando o ato de se divertir e de refrescar as idéias.

Por fim, o sujeito P5 acabou abordando em sua resposta todas as cinco categorias, demonstrando desse modo uma amplitude ao conceituar lazer, que abrange significados diversos capazes de contemplar uma pessoa sob cinco aspectos para atuação. Este participante colocou curtir a vida, fazer cerâmica e cestaria, bater papo e beber, passear e andar e ir a bailes como aspectos que nortearam estas cinco categorizações.

O quadro 2b mostra agrupamentos em relação às categorias em que os participantes se distribuíram. Seis dos dez participantes assinalaram as categorias C1, C3 e C5, o que pode ser apontado como uma tendência do grupo de significar o lazer como momento pessoal, convívio e entretenimento.

Quadro 3a – Categorização dos locais de lazer frequentados após terem adquirido a cegueira

Categorização das respostas de cada sujeito						
Sujeito	Locais	Categorização				
		C1	C2	C3	C4	C5
P1	Praias			X	X	
	Restaurantes			X		X
	Cinemas			X		X
	Shoppings Centers			X		X
	Lanchonetes			X		X
	Quadras de esportes			X	X	
	Danceteria/boate			X		X
P2	Centro espírita	X		X		
	Casa de amigos			X		
P3	Praias			X	X	
	Restaurantes			X		X
	Shoppings Centers			X		X
	Danceteria/boate			X		X
	Praças públicas			X	X	
P4	Praias			X	X	
	Restaurantes			X		X
	Lanchonetes			X		X
	Danceteria/boate			X		X
	Pescar			X	X	
P5	Restaurantes			X		X
	Shoppings Centers			X		X
	Danceteria/boate			X		X
	Teatro			X		X
	Museu			X		X
	Escola de samba			X		X
P6	Shoppings Centers			X		X
	Festas familiares			X		
P7	Restaurantes			X		X
	Igreja	X		X		
	Serestas			X		X
P8	Cinemas			X		X
	Lanchonetes			X		X
	Praças públicas			X	X	
	Padaria			X		X
P9	Igreja	X		X		
	Festas familiares			X		
P10	Praias			X	X	
	Restaurantes			X		X
	Shoppings Centers			X		X
	Lanchonetes			X		X
	Praças públicas			X	X	

Quadro 3b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias			
Sujeito	Locais	Categorização	
P1	Restaurantes Cinemas Shoppings Centers Lanchonetes Danceteria/boate	C3, C5 (Todas categorias ordenadas juntas nos quadrantes respectivos visam propiciar uma melhor compreensão das respostas e ainda, significar que os dados listados contemplam as mesmas categorias)	
P3	Restaurantes Shoppings Centers Danceteria/boate		
P4	Restaurantes Lanchonetes Danceteria/boate		
P5	Restaurantes Shoppings Centers Danceteria/boate Teatro Museu Escola de samba		
P6	Shoppings Centers		
P7	Restaurantes Serestas		
P8	Cinemas Lanchonetes Padaria		
P10	Restaurantes Shoppings Centers Lanchonete		
P1	Praia Quadra de esportes		C3,C4
P3	Praia Praças públicas		
P4	Praia Pescar		
P8	Praças públicas		
P10	Praia Praças públicas		
P2	Centro espírita	C1,C3	
P7	Igreja		
P9	Igreja		
P2	Casa de amigos	C3	
P6	Festas familiares		
P9	Festas familiares		

2.8.2 Comentários sobre os quadros 3a e 3b

Todos os espaços e locais que os participantes freqüentam ou já freqüentaram após adquirirem a cegueira incluem de algum modo a categoria C3, já que possibilitam o convívio e a interação com outras pessoas.

Além dessa categoria presente em todas as respostas, observamos que as categorias C1, C4 e C5, momento pessoal, atividade externa e entretenimento compuseram grande parte das respostas, tendo maior concentração na C5, uma vez que os locais especificamente destinados às atividades de lazer geralmente costumam ser referenciados quando se fala em espaços freqüentados.

Os participantes P1, P3, P4, P8 e P10 foram categorizados no quadrante da categoria C5 ao colocarem locais como restaurantes, cinemas, shoppings centers, etc. e ainda, no quadrante da categoria C4, ao referir-se à praia, quadra de esportes, praça pública e pesca. O participante P7 ao referir-se a locais como restaurantes e serestas aparece em C5 e ao referir-se a igreja acabou em C1. O participante P9 ao citar a igreja e festas familiares aparece na categoria C1.

O participante P6 ao referir-se a shopping center, aparece na categoria C5 e o participante P2 ao referendar centro espírita aparece em C1. O participante P5 foi o único que aparece apenas em uma categoria, C5, ao apontar locais como restaurante, teatro, shoppings centers, etc.

Quadro 4a – Categorização das respostas dos participantes sobre como é a participação de cada um no lazer

Categorização das respostas de cada sujeito									
Sujeito	Grau de satisfação			Descrição das situações	Categorização				
	Sem alteração	Bom	Melhor		C1	C2	C3	C4	C5
P1			X	Se sente mais ativa, mais disposta.	X				
P2		X		Está sempre entre amigos.			X		
P3			X	Muita agitação e está sempre entre amigos.			X		
P4		X		Se sente realizado, ótimo, se entrega.	X				
P5			X	Eleva a auto-estima, se sente alto-astral.	X				
P6		X		Refresca as idéias.	X				
P7		X		Integração			X		
		X		Lazer como prazer, alegria e felicidade.	X				
P8		X		Felicidade, motivação e realização.	X				
P9			X	Pessoas conversam comigo, me tratam bem.			X		
P10		X		Sempre sai com as amigas.			X		
		X		Fica de bem com a vida.	X				

Quadro 4b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias					
Sujeito	GRAU DE SATISFAÇÃO			DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES	CATEGORIZAÇÃO
	Sem alteração	Bom	Melhor		
P1			X	Se sente mais ativa, mais disposta.	C1
P5			X	Eleva a auto-estima, se sente alto-astral.	
P2		X		Está sempre entre amigos.	C3
P7		X		Integração.	
P10		X		Sempre sai com as amigas.	
P3			X	Muita agitação e está sempre entre amigos.	C3
P9			X	Pessoas conversam comigo, me tratam bem.	
P4		X		Se sente realizado, ótimo, se entrega.	C1
P6		X		Refresca as idéias.	
P7		X		Lazer como prazer, alegria e felicidade.	
P8		X		Felicidade, motivação e realização.	
P10		X		Fica de bem com a vida.	

2.8.3 Comentários sobre os quadros 4a e 4b

O quadro da análise referente à participação de cada um no lazer foi organizado em seis colunas: uma com a lista de participantes; três colunas para as respostas sobre o grau de satisfação subdivididas em sem alteração, bom e melhor; uma coluna denominada descrição das situações para o registro das respostas dadas e por fim, uma coluna referente às categorias. Desse modo, agrupamos os participantes de acordo com o grau de satisfação atribuído à sua participação e em seguida os motivos, que foram categorizados.

Entendemos que os motivos diretamente ligados a sentimentos, sensação de bem-estar e realização se adequavam à categoria momento pessoal (C1), que agrupa as respostas dos participantes 1, 5, 4, 6, 7, 8 e 10, concentrando o maior quantitativo de grau de satisfação bom, e menos quanto ao grau melhor.

Já a categoria convívio (C3) abrange as respostas relativas a momentos de convivência entre amigos e outras pessoas, proporcionando uma integração com o outro. Nesta categoria C3, que teve um pequeno quantitativo de grau de satisfação bom e melhor, delineamos as considerações dos participantes 2, 7, 10, 3 e 9.

Nesta análise as respostas dos participantes 7 e 10 são apresentadas em dois momentos distintos, já que ambas transparecem motivos diferentes entre si na mesma resposta, sendo assim abordadas em duas categorias, C1 e C3. Consideramos que a integração, um dos motivos do participante 7, atende com maior propriedade o convívio com outras pessoas e possíveis interações e, por isso, corresponde à categoria C3. Além disso, o segundo motivo do participante 10, que é ficar de bem com a vida, nos transmite uma idéia de bem-estar, melhor se adequando à categoria C1 (momento pessoal).

Quadro 5a – Categorização das respostas dos participantes sobre mudanças após ter entrado no IBC

Categorização das respostas de cada sujeito								
Sujeito	Sim, mudou	Não mudou	Descrição das situações	Categorização				
				C1	C2	C3	C4	C5
P1	X		Aprendizado quanto à independência de locomoção.	X				
P2	X		Motivação, coragem, aprendizado.	X				
P3	X		Coragem diante do mundo escuro.	X				
	X		Amizades construídas.			X		
P4	X		O mundo em movimento, valorização da força de vontade.	X				
P5	X		Participação e atuação maior no lazer.					X
P6	X		Saber que pode fazer o que quer; auxílio da bengala.	X				
P7	X		Está mais seletivo, não gasta para se divertir.	X				
P8	X		Aprendeu OM, obteve mais experiência.	X				
	X		Cinema acessível.					X
P9		X	Dependência do outro que cria um auto-incômodo, não é livre.	X				
P10	X		Independência para sair, não incomoda mais ninguém.	X				

Quadro 5b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias					
Sujeito	SIM, MUDOU	NÃO MUDOU	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES	CATEGORIZAÇÃO	
P1	X		Aprendizado quanto à independência de locomoção.	C1	
P2	X		Motivação, coragem, aprendizado.		
P3	X		Coragem diante do mundo escuro.		
P4	X		O mundo em movimento, valorização da força de vontade.		
P6	X		Saber que pode fazer o que quer; auxílio da bengala.		
P7	X		Está mais seletivo, não gasta para se divertir.		
P8	X		Aprendeu OM, obteve mais experiência.		
P10	X		Independência para sair, não incomoda mais ninguém.		
P3	X		Amizades construídas.		C3
P5	X		Participação e atuação maior no lazer.		C5
P8	X		Cinema acessível.		
P9		X	Dependência do outro que cria um auto-incômodo, não é livre.	C1	

2.8.4 Comentários sobre os quadros 5a e 5b

Sobre a possibilidade de mudança dessa participação no lazer ter ocorrido após a entrada dos participantes no IBC e de que modo isso aconteceu, selecionamos as respectivas respostas organizando-as entre sim, mudou / não mudou e o modo/motivo dessa mudança (descrição das situações).

Grande parte dos participantes apresentou aspectos de ordem pessoal ao afirmar que sua participação mudou, atentando para fatores como a possibilidade de transitar nos espaços formando com isso a sua independência, a experiência, coragem e motivação, enfim, o aprendizado construído no Instituto, totalizando nove respostas que compuseram a categoria por nós atribuída, a momento pessoal (C1).

Apenas um participante, P3, fez suas considerações sobre a mudança da sua participação devido às amizades ali construídas, compondo desse modo a categoria convívio (C3). Dois participantes, P5 e P8, se referiram ao lazer nas colocações sobre sua atuação nesta manifestação, e o cinema como um espaço de igual modo acessível a ele, aparecendo na categoria C5.

Da mesma forma, P3 também apontou o motivo, a “coragem diante do mundo escuro” que corresponde à categoria momento pessoal (C1), já que diz respeito a um sentimento trabalhado e desenvolvido, ao longo de um processo de aprendizagem.

Quadro 6a – Categorização das respostas dos participantes sobre a participação de cada um em atividades de lazer proporcionadas pela sua família e amigos

Categorização das respostas de cada sujeito								
Sujeito	Sim, participa	Não participa	Descrição das situações	Categorização				
				C1	C2	C3	C4	C5
P1	X		Parque.		X	X		
	X		Cinema.		X		X	
	X		Shopping.		X		X	
	X		Restaurante.		X		X	
P2		X						
P3	X		Bar.		X		X	
	X		Restaurante.		X		X	
	X		Forró na Feira de S. Cristóvão.		X		X	
P4	X		Namorar.	X	X			
	X		Passeios ao ar livre.		X	X		
	X		Praia.		X	X		
	X		Dançar.		X		X	
P5	X		Churrasco.		X		X	
	X		Festa de aniversário.		X		X	
P6		X						
P7	X		Igreja.	X	X			
	X		Passeios.		X	X		
	X		Churrasco.		X		X	
P8	X		Churrasco.		X		X	
	X		Excursões da igreja.		X	X		
	X		Convívio em família.		X			
P9		X	Festa familiar, raramente.		X	X		
P10		X	Praia só com as amigas.		X	X		

Quadro 6b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias				
Sujeito	SIM, PARTICIPA	NÃO PARTICIPA	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES	CATEGORIZAÇÃO
P4	X		Namorar.	C1, C3 (Todas categorias ordenadas juntas nos quadrantes respectivos visam propiciar uma melhor compreensão das respostas e ainda, significar que os dados listados contemplam as mesmas categorias).
P7	X		Igreja.	
P8	X		Convívio em família.	C3
P1	X		Parque.	C3, C4
P4	X		Passeios ao ar livre.	
	X		Praia.	
P7	X		Passeios.	
P8	X		Excursões da igreja.	
P10		X	Praia só com as amigas.	
P1	X		Cinema.	C3, C5
	X		Shopping.	
	X		Restaurante.	
P3	X		Bar.	
	X		Restaurante.	
	X		Forró na Feira de S. Cristóvão.	
P4	X		Dançar.	
P5	X		Churrasco.	
	X		Festa de aniversário.	
P7	X		Churrasco.	
P8	X		Churrasco.	
P9		X	Festa familiar, raramente.	
P2		X		
P6		X		

2.8.5 Comentários sobre os quadros 6a e 6b

Seis dos dez participantes assinalaram que participavam de atividades de lazer proporcionadas por familiares e amigos e o restante argumentou que a família e amigos não proporcionavam atividades e ainda, raramente participavam ou então, apenas ocorria com amigos (as).

Como as atividades foram as mais diversas, quatro destes participantes (P1,P4,P7 e P8) direcionaram suas respostas para a categoria convívio (C3), atividade externa (C4) e entretenimento (C5). Os participantes P4 e P7 ainda apareceram na categoria C1 ao citarem atividades como namorar e ida à igreja.

Já os participantes P3 e P5 sinalizaram atividades como idas a bar, restaurante, churrasco e festa de aniversário e, portanto, foram categorizados em C3 e C5.

Duas participantes, P2 e P6, afirmaram que não participavam de qualquer tipo de atividade proporcionada por familiares e amigos, e preferiram não tecer nenhum comentário a respeito. Ao contrário, duas outras participantes, P9 e P10 também afirmaram não participar de nenhuma atividade em um primeiro momento, mas logo acrescentaram que a família raramente a convidava e por isso, não participava e ainda, apenas vai à praia com as amigas já que a família a abandonou.

Quadro 7a – Categorização das respostas dos participantes sobre o lazer de cada um antes e depois de terem adquirido a cegueira

Categorização das respostas de cada sujeito						
Sujeito	Descrição das situações	Categorização				
	Antes da cegueira / Depois da cegueira	C1	C2	C3	C4	C5
P1	Incrível. /	X				
	Tudo escuro, sentimento de estar presa.	X				
P2	Agitação.	X				
	Samba. /					X
	Isolamento, sentimento de proibição.	X				
P3	Maravilhoso./	X				
	Bom, valoriza mais o lazer hoje.	X				
P4	Era independente. /	X				
	Ótimo, mas sempre precisa da referência de alguém.	X				
P5	Enxergava com os olhos da visão os prazeres do lazer. /	X				
	Felicidade ao sentir o que não pode ver; referência quando é possível.	X				
P6	Independência, saía sozinha ou acompanhada. /	X				
	Dependência de alguém ou algo como direcionamento.	X				
P7	Intenso, irresponsável, ativo. /	X				
	Prudente e comedido.	X				
P8	Bagunça e festa. /					X
	Tranquilidade, responsabilidade e referência de alguém.	X				
P9	Enxergava e logo, não valorizava o lazer. /	X				
	Dependência do outro; passou a valorizar o lazer.	X				
P10	Ria, brincava.	X				
	Família próxima.			X		
	Passeava. /				X	
	Passeio só com amigas.				X	

Quadro 7b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias					
Sujeito	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES Antes da cegueira	CATEGORIZAÇÃO	Sujeito	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES Depois da cegueira	CATEGORIZAÇÃO
P1	Incrível.	C1	P1	Tudo escuro, sentimento de estar presa.	C1
P2	Agitação.		P2	Isolamento, sentimento de proibição.	
P3	Maravilhoso.		P3	Bom, valoriza mais o lazer hoje.	
P4	Era independente.		P4	Ótimo, mas sempre precisa da referência de alguém.	
P5	Enxergava com os olhos da visão os prazeres do lazer.		P5	Felicidade ao sentir o que não pode ver; referência quando é possível.	
P6	Independência, saía sozinha ou acompanhada.		P6	Dependência de alguém ou algo como direcionamento.	
P7	Intenso, irresponsável, ativo.		P7	Prudente e comedido.	
P9	Enxergava e logo, não valorizava o lazer.		P8	Tranquilidade, responsabilidade e referência de alguém.	
P10	Ria, brincava.		P9	Dependência do outro; passou a valorizar o lazer.	
P10	Família próxima.		C3	P10	
P10	Passeava.	C4			
P2	Samba.	C5			
P8	Bagunça e festa.				

2.8.6 Comentários sobre os quadros 7a e 7b

A resposta de nove dos dez participantes foi condizente com um momento pessoal, referente à C1.

Alguns participantes, P2 e P10, deram respostas referentes a mais de uma categoria, apenas no que diz respeito à condição anterior à cegueira.

Neste caso, a participante P2 argumentou dois aspectos distintos que nos oportunizou estabelecer uma relação com duas categorias, a saber: a agitação que era o seu lazer (categoria C1, momento pessoal) e logo, o samba que freqüentava (categoria C5, entretenimento).

A participante P10 deu uma resposta possível de transitar entre três categorias, ao mencionar que antes da cegueira o seu lazer era de brincadeiras e risadas - categoria C1 (momento pessoal); de família próxima - categoria C3, convívio; de passear - categoria C4, atividade externa.

O quadro 7b evidencia que o lazer dos participantes antes e depois da cegueira era basicamente de bem-estar, independência e intensidade dos momentos de lazer, ligados à categoria C1.

Na condição depois da cegueira, esta mesma categoria de momento pessoal foi evidenciada, já que dentre tantos aspectos fornecidos notamos um maior direcionamento para questões ligadas a sentimentos e mais uma vez, ao bem-estar, oscilando entre o isolamento, proibição e restrições, valorização, felicidade, tranqüilidade e responsabilidade e ainda, prudência. Também foi possível observar pontuações voltadas para a dependência e a necessidade de referências para a participação destes sujeitos no lazer.

Quadro 8a – Categorização das respostas dos participantes sobre as dificuldades para frequentar espaços de lazer

Categorização das respostas de cada sujeito								
Sujeito	Sim	Não	Descrição das situações	Categorização				
				C1	C2	C3	C4	C5
P1	X		Necessidade de alguém para direcionamento em lugares de movimento.	X				
P2	X		Sentimento de medo de ir a certos lugares devido ao tumulto/falta de respeito.	X				
P3		X	Nós temos que nos adaptar ao mundo e não ele à gente.	X				
P4	X		Necessidade de um guia, algo, alguém ou o som para se sentir seguro.	X				
P5	X		Acessibilidade, informativo em Braille e sonoro, pista tátil, respeito e referência.	X				
P6	X		Referências, orientações, acessibilidade nos lugares.	X				
P7		X	Auxílio da bengala.	X				
P8		X	Porque está sempre acompanhado, ainda é dependente.	X				
P9	X		Além da dependência, falta um acesso mais fácil nos locais.	X				
P10	X		Falta de domínio em atividades comuns do dia-a-dia; indicativo sonoro nas ruas.	X				

Quadro 8b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias				
Sujeito	SIM	NÃO	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES	CATEGORIZAÇÃO
P1	X		Necessidade de alguém para direcionamento em lugares de movimento.	C1
P2	X		Sentimento de medo de ir a certos lugares devido ao tumulto/ falta de respeito.	
P3		X	Nós temos que nos adaptar ao mundo e não ele à gente.	
P4	X		Necessidade de um guia, algo, alguém ou o som para se sentir seguro.	
P5	X		Acessibilidade, informativo em Braille e sonoro, pista tátil, respeito e referência.	
P6	X		Referências, orientações, acessibilidade nos lugares.	
P7		X	Auxílio da bengala.	
P8		X	Porque está sempre acompanhado, ainda é dependente.	
P9	X		Além da dependência, falta um acesso mais fácil nos locais.	
P10	X		Falta de domínio em atividades comuns do dia-a-dia; indicativo sonoro nas ruas.	

2.8.7 Comentários sobre os quadros 8a e 8b

Sete dos dez participantes afirmaram encontrar dificuldades para freqüentar espaços de lazer e o restante não considerou quaisquer dificuldades.

Esses sete participantes responderam que a referência, direcionamento e dependência de algo ou alguém se faz uma necessária constante ao freqüentarem os espaços. Dois desses sujeitos assinalaram a falta de respeito nos locais. Quatro queixaram-se da falta de acessibilidade mais fácil nos ambientes, como informações em Braille ou sonoras e pista tátil.

Dos outros três participantes, dois fizeram referência à necessidade de adaptação à realidade e por isso, não encontram dificuldades.

Quadro 9a – Categorização das respostas dos participantes sobre se sentirem incluídos no lazer após terem adquirido a cegueira

Categorização das respostas de cada sujeito								
Sujeito	Sim	Não	Descrição das situações	Categorização				
				C1	C2	C3	C4	C5
P1	X		Se sente à vontade; percebe que as pessoas não são iguais.	X				
P2		X	Falta apoio e ajuda das pessoas e do governo; o lazer do RJ não parece para todos.	X				
P3	X		É mais valorizada e admirada nos espaços que frequenta pela força de vontade.	X				
P4	X		Busca por lugares que fazem bem; se sente normal e ensina muito aos outros.	X				
P5	X		Maior respeito das pessoas e inclusão nos lugares pelo seu bem-estar.	X				
P6	X		Se sente capacitada para fazer e ir onde quer e se divertir, mesmo com alguém.	X				
P7	X		Não se sente impedido de conviver normalmente com as pessoas, se sente um exemplo.	X				
P8	X		Mas se sente condicionado em alguns momentos a referências por não dominar o espaço; nesses momentos se sente excluído.	X				
P9	X		Apenas em lugares onde é conhecida, em outros, sente que aquele divertimento não é adequado para ela sentindo-se excluída.	X				
P10	X		Apenas se estiver acompanhada, caso contrário, sente-se desprezada e excluída por achar que está sendo gozada.	X				

Quadro 9b – Agrupamentos das respostas dos participantes nas categorias

Agrupamentos dos sujeitos segundo as categorias				
Sujeito	SIM	NÃO	DESCRIÇÃO DAS SITUAÇÕES	CATEGORIZAÇÃO
P1	X		Se sente à vontade; percebe que as pessoas não são iguais.	C1
P2		X	Falta apoio e ajuda das pessoas e do governo; o lazer do RJ não parece para todos.	
P3	X		É mais valorizada e admirada nos espaços que frequenta pela força de vontade.	
P4	X		Busca por lugares que fazem bem; se sente normal e ensina muito aos outros.	
P5	X		Maior respeito das pessoas e inclusão nos lugares pelo seu bem-estar.	
P6	X		Se sente capacitada para fazer e ir onde quer e se divertir, mesmo com alguém.	
P7	X		Não se sente impedido de conviver normalmente com as pessoas, se sente um exemplo.	
P8	X		Mas se sente condicionado em alguns momentos a referências por não dominar o espaço; nesses momentos se sente excluído.	
P9	X		Apenas em lugares onde é conhecida, em outros, sente que aquele divertimento não é adequado para ela sentindo-se excluída.	
P10	X		Apenas se estiver acompanhada, caso contrário, sente-se desprezada e excluída por achar que está sendo gozada.	

2.8.8 Comentários sobre os quadros 9a e 9b

Os quadros nos mostram quase uma unanimidade de respostas positivas, demonstrando que os participantes se sentem incluídos no lazer mesmo com a aquisição da cegueira.

Nove participantes afirmaram que buscam lugares que se sentem bem, capazes e de modo algum se julgam impedidos de freqüentar os espaços destinados à essa manifestação. Além disso, colocaram o quanto são valorizados e ensinam aos outros com seus exemplos de vida, o que os fazem se sentirem respeitados e tão logo, incluídos.

Uma participante, P2, alegou a falta de apoio e ajuda governamental e da população como fator de peso para não se sentir incluída no lazer.

Entre esses nove participantes, três deles (P8, P9 e P10) argumentaram que, apesar de se considerarem incluídos no lazer, em alguns momentos como quando não há referências, são desconhecidos ou estão desacompanhados, acabam por se sentirem excluídos nos espaços.

Nos aspectos levantados há um direcionamento bastante claro das respostas de todos os participantes para a categoria C1, momento pessoal, uma vez que se fazem presentes questões ligadas ao bem-estar de cada sujeito, ainda que em três momentos esse aspecto se deu com a ressalva de estar condicionado a referências, seja de algo ou alguém.

2.9 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS

As cinco categorias levantadas a partir da análise das entrevistas ilustram a “teoria dos 3 D’s”, delineada, por Dumazedier (1973): função de descanso, função de divertimento, recreação e entretenimento e função de desenvolvimento.

Observamos que a categoria C1, momento pessoal, tem estreita relação com as funções de descanso e de desenvolvimento. A função de descanso possibilita a

liberação da fadiga e a de desenvolvimento está direcionada para a personalidade da pessoa.

A categoria C2, auto-entretenimento, possibilita destacar a função de desenvolvimento do lazer, justificada na característica da prática em uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, aspectos que retomam o auto-entretenimento como atividades desenvolvidas para conhecimento e auto-realização.

A categoria convívio, C3, nos traz uma idéia de relação com as três funções do lazer. Entendemos que a função de descanso, ou seja, liberação da fadiga e reposição do desgaste provocado por obrigações cotidianas pode ser desenvolvida em companhia ou contato com outras pessoas, considerando a situação daquele momento. A função de divertimento, que tem em uma de suas características a busca por atividades fictícias, como teatro e cinema visando a satisfação em mudanças de ritmo e estilo cotidianos, também expressa a participação ou atuação de outras pessoas, favorecendo até mesmo interações entre elas. E a função de desenvolvimento, ao transparecer uma participação social maior e mais livre do sujeito e oportunizar novas alternativas de integração voluntária em ambientes diversos, acaba por explicitar o contato e a interação com o outro.

A categoria C4, atividade externa, entendida como função de desenvolvimento, teve como característica oportunizar novas alternativas de integração voluntária à vida em agrupamentos recreativos, culturais e sociais, basicamente em locais ao ar livre.

A categoria C5, entretenimento, constituiu uma ligação das funções de descanso e divertimento em ambientes específicos, tais como teatro e cinema.

A categorização dos dados levantados nas entrevistas, nos quadros, sob categorias, apresenta semelhança com a classificação de Dumazedier, dos conteúdos das atividades de lazer em interesses, compreendidos em físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais. Identificamos em atividades citadas pelos participantes as categorias do autor por interesses, como pescar e passear ao ar livre que dialoga com o interesse físico por exemplo.

A nossa intenção nessa estruturação foi a de melhor apresentar ao leitor as informações de forma simples e objetiva, sem descaracterizar os dados, possibilitando a devida compreensão e interpretação de tudo o que foi comunicado pelos participantes desta pesquisa.

Vale pontuar que a separação dos conteúdos do lazer por interesses, conforme foram categorizados por Dumazedier (1980) não é de nosso entendimento neste estudo. Compreendemos e acreditamos como Marcellino (1983), que em uma mesma atividade o sujeito pode estar envolvido em mais de uma categoria ou interesse. Isso fica ilustrado nos Quadros 3a e 3b e 6a e 6b, que referem ao mesmo tempo à C3 e que diz respeito, respectivamente, aos locais que freqüentam ou freqüentaram após terem adquirido a cegueira, como também no que diz respeito às atividades de lazer proporcionadas por amigos e familiares.

Reiterando Dumazedier, a categorização e organização dos quadros consideraram que as atividades de lazer voltadas para o pescar, o passeio ao ar livre, ir à praia, andar e sair, apontadas pelos participantes estão diretamente voltadas para os interesses físicos, entendido pelo autor como as atividades que exigem o movimento, o exercício físico e o contato com a natureza. As atividades artesanais e a manipulação de materiais são aspectos que compõem os interesses práticos, e que trazem à tona as atividades citadas pelos participantes de fazer cerâmica, cestaria e tocar violão. Os interesses artísticos, que significam o enaltecimento do mundo imaginário e a procura pelo encantamento e beleza através das artes, entre as plásticas, cênicas, a literatura e a música, possibilitam o estabelecimento de uma relação com as atividades apresentadas pelos participantes de ouvir música e ler livros. Os interesses intelectuais assinalados por Dumazedier referem a atividades ligadas à arte, atividades profissionais e religiosas, o que identificamos como atividades de ir à igreja, ao centro espírita e trabalhar. Os interesses sociais caracterizados pela procura de contato com familiares e pela sociabilidade espontânea ficaram expressos nas atividades de idas ao cinema, bailes, cafés e restaurantes, teatro, dançar em bailes, festas e pagode, churrasco e convívio em família.

Os dados analisados mostraram que os entrevistados limitavam suas atividades de lazer a um campo específico de interesses, devido à falta de contato com outros conteúdos de atividades que poderiam ser optadas.

Ao analisar os espaços citados pelos participantes como aqueles que freqüentam ou já freqüentados após adquirir a cegueira, consideramos que todos possibilitam o convívio. Os locais praia, quadra de esportes e praça pública, portanto, são categorizados enquanto convívio e atividade externa (C3, C4), diferentemente dos espaços que não são ao ar livre (cinema, shoppings centers,

danceteria/boate, teatros, museus, restaurantes e lanchonetes) que oferecem convívio e entretenimentos (C3, C5).

Pontuamos uma exceção em espaços que não são ao ar livre no que se refere à igreja e ao centro espírita, uma vez que para o nosso entendimento esses locais significam e transmitem um momento de bem-estar, de tranquilidade e ao mesmo tempo são favoráveis à interação com o outro, ou seja, compreendidos nas categorias C1 e C3 (momento pessoal e convívio).

Optamos por reunir atividades relacionadas à interação e contato com outras pessoas, como no caso de namorar e do convívio com a família, na categoria C3, convívio, por haver plena interação e contato com outras pessoas.

No decorrer das análises dos dados apresentados, ficou clara a utilização com grande freqüência da categoria C1, momento pessoal, entre as respostas apresentadas. Notamos que essa tendência significou que os participantes remeteram em algum momento sentimentos de alegria, satisfação ou insatisfação ao seu bem-estar, à sua inserção na sociedade.

Pela amplitude que a categoria C1 apresenta, entendemos que o momento pessoal também tende a constituir aspectos como o descontentamento, a indignação e a falta de respeito diante de uma pessoa com deficiência. Além disso, estabelecemos a questão da referência ou dependência do outro ou de algo como um componente mais adequado para se relacionar a esta categoria, uma vez que este fator condiciona e interfere no próprio bem-estar do sujeito. Sentimentos de isolamento, aprisionamento, medo e desprezo também foram agregados a esta categoria, já que tendem a significar reflexos no sujeito.

De um modo geral, a categoria C1 esteve interligada às outras quatro categorias, já que se referia ao bem-estar e era composta por sentimentos e atitudes possíveis de gerar prazer e satisfação, aspectos possivelmente visíveis na categoria C2 (auto-entretenimento) caracterizada pela auto-realização em uma atividade; na categoria C3 (convívio) que significava a interação e o contato com o outro; na categoria C4 (atividade externa) que englobava as atividades desenvolvidas em espaços abertos e, na categoria C5 (entretenimento), que compôs atividades desenvolvidas em ambientes com recursos específicos. Isso nos significou que no desenrolar de qualquer atividade, independente de sua categoria pertencente, seria possível estar atuante ao mesmo tempo a categoria C1.

A categoria C3, convívio, também foi bastante citada nas colocações dos participantes, aspecto que reforça os benefícios que a interação com o outro tende a proporcionar ao sujeito, entre as possibilidades de socialização, integração, troca de experiências e logo, desenvolvimento. Notamos ainda sobre essa categoria que nos momentos de convívio apresentados foi dada significativa importância para o ato de estar com o outro sob a perspectiva de sentir-se bem, de estar à vontade, enfim, de se satisfazer naquela situação vivenciada.

A categoria C2, auto-entretenimento, foi a menos pontuada entre as informações obtidas, basicamente ela esteve presente apenas no questionamento a respeito do que era lazer para os participantes, significando ler livros, ouvir música, fazer cerâmica, cestaria e trabalhar, tocar violão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi o de buscar conhecer o significado do lazer para aqueles que adquiriram cegueira na idade adulta. Foi um caminho profícuo e por outro lado, também um caminho difícil, considerando a especificidade da situação de cada pessoa entrevistada.

A questão que norteou esta dissertação, centralizada no significado do lazer para pessoas que adquiriram a cegueira já na fase adulta foi respondida a partir das considerações e apontamentos dos participantes, através da análise de seus depoimentos registrados nas entrevistas.

Consideramos ter alcançado os objetivos propostos para esta investigação, uma vez que pudemos analisar como vinham ocorrendo as atividades de lazer dessas pessoas e a participação delas nessas atividades. Foram, também, identificados aspectos facilitadores e dificultadores nessa vivência tendo como referência as possibilidades de realização do lazer pelo bem-estar pessoal.

Este estudo ampliou nosso entendimento e conhecimento sobre o lazer ao mesmo tempo em que oportunizou o esclarecimento de seu significado para as pessoas que adquiriram cegueira. Os dados mostraram que pessoas com deficiência visual não se sentem impossibilitadas de usufruir de atividades de lazer. A análise dos depoimentos assinalou que enfrentam momentos difíceis em que são dependentes de outra pessoa devido ao período de readaptação ao mundo ou à insegurança provocada pela condição da cegueira diante da sociedade. Os entrevistados informaram que as atividades que envolvem esse universo são tão possíveis para eles quanto para os que não têm deficiência visual. Desse modo, pudemos notar que o lazer para essas pessoas significa estar bem, sentir-se bem em um momento de interação e troca, com outras pessoas ou sozinhas, remetendo a uma procura pela satisfação e prazer em atividades desta natureza.

Consideramos que essa investigação pode ter contribuído para a área acadêmica a partir do momento que focalizou um tema pouco investigado – a qualidade de vida e lazer de pessoas com cegueira adquirida – uma pesquisa inexistente, conforme levantamento realizado em janeiro de 2008 no banco de dados e dissertações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Os dados deste estudo levaram a outras interrogações como as que seguem. Se a aquisição da cegueira ocorresse em outro momento da vida, na fase infantil ou adolescente, seus significados estariam localizados em outras categorias? Haveria predominância da categoria, C1 (momento pessoal), como ocorrido, ou o foco maior estaria na categoria C5, entretenimento, por representar atividades desenvolvidas em locais específicos de lazer?

Como pessoa e como profissional registramos nossa satisfação em termos desenvolvido uma investigação em que fomos contempladas com valiosas contribuições, que enriqueceram nossa aprendizagem e nos surpreendeu com tantas mudanças e possibilidades de adaptação, transformação e sobrevivência de nós mesmos enquanto sujeitos sociais ativos e não apenas passivos.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria. *Lazer e deficiência mental: o papel da família e da escola em uma proposta de educação pelo e para o lazer*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997. 26 p.

BRASIL. *Decreto nº. 5.296 de 02 de dezembro de 2004*. Regulamenta as Leis nº. 10048, de 08 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Presidência da República*. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, DF: Senado Federal, 02. dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedipod.org.br>>. Acesso em: 12 Mai 2007.

CANEJO, Elizabeth; FOGLI, Bianca; ORRICO, Helio. Uma reflexão sobre o cotidiano escolar de alunos com deficiência visual em classes regulares. In.: GLAT, Rosana. (Org.). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. 120 p.

COARACY, Vivaldo. *Memória da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

FARIAS, Norma; BUCHALLA, Cassia Maria. *A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da Organização Mundial da Saúde: conceitos, usos e perspectivas*. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 8, n. 2, p. 187-193, 2005.

GIL, Marta. *Deficiência visual e inclusão social*. Salto para o Futuro, TVE Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ede>. Acesso em: 31 Mar 2008.

GONZÁLEZ, Maria Del Pilar; DÍAZ, Juana Morales. Deficiência visual: aspectos evolutivos e educacionais. In: GONZÁLEZ, Eugênio. (Org.). *Necessidades educacionais específicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

IBC - *INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT*. Disponível em: <<http://www.ibr.gov.br>>. Acesso em: 29 Nov 2007.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 13-48.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

_____. *Lazer e educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

_____. *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MASINI, Elcie Fortes Salzano Masini. *O perceber-se e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE, 1994.

_____. (Org.). *A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores*. São Paulo: Vetor, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 315-317.

OCHAÍTA, Esperanza e ESPINOSA, M^a. Ángeles. Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais. In.: COLL, César et.al. *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

[OMS] Organização Mundial da Saúde. *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 8^a edição. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. *CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. [Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais, org.; coordenação da tradução Cassia Maria Buchalla]. São Paulo: EDUSP, 2003.

PAIVA, Angela Daou. *Os elementos sensoriais nos sonhos de pessoas com cegueira congênita*, 2005, 127 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo.

RIO DE JANEIRO (MUNICÍPIO). RIOTUR: Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. *Pontos turísticos do Município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. 1^a Ed. Companhia do Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Lisabeth Cléa Britto de. *A importância da reabilitação entre os demais serviços prestados aos portadores de cegueira adquirida*. Sociedade de Assistência aos Cegos, 2000. Disponível em: <http://www.sac.org.br/reabilit.htm>. Acesso em: 31 mar. 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

O Instituto Benjamin Constant – IBC RJ

Histórico:

O Instituto Benjamin Constant foi criado pelo Imperador D. Pedro II através do Decreto Imperial n.º 1.428, de 12 de setembro de 1854, tendo sido inaugurado, solenemente, no dia 17 de setembro do mesmo ano, na presença do Imperador, da Imperatriz e de todo o Ministério, com o nome de Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Este foi o primeiro passo concreto no Brasil para garantir ao cego o direito à cidadania.

Estruturando-se de acordo com os objetivos a alcançar, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos foi aos poucos derrubando preconceitos e fez ver que a educação das pessoas cegas não era utopia, bem como a profissionalização. Com o aumento da demanda foi idealizado e construído o prédio atual, que passou a ser utilizado a partir de 1890, após a 1ª etapa da construção. Em 1891, o instituto recebeu o nome que tem hoje: Instituto Benjamin Constant (IBC), em homenagem ao seu terceiro diretor.

Fechado em 1937 para a conclusão da 2ª e última etapa do prédio, o IBC reabriu em 1944. Em setembro de 1945 criou seu curso ginasial, que veio a ser equiparado ao do Colégio Pedro II em junho de 1946. Foi proporcionado, assim, o ingresso nas escolas secundárias e nas universidades.

Toda a história centenária do IBC foi publicada no primeiro exemplar da Revista Benjamin Constant, em um texto que apresenta os seguintes tópicos históricos: antecedentes, fundação, primeiros diretores, nomes do instituto, imprensa Braille e o instituto no século XX.

O IBC hoje:

Atualmente, o Instituto Benjamin Constant vê seus objetivos redirecionados e redimensionados. É um Centro de Referência, a nível nacional, para questões da deficiência visual. Possui uma escola, capacita profissionais da área da deficiência visual, assessora escolas e instituições, realiza consultas oftalmológicas à população, reabilita, produz material especializado, impressos em Braille e publicações científicas.

Entre as competências destinadas ao Instituto Benjamin Constant, encontramos algumas que merecem destaque para este estudo, tais como: subsidiar a formulação da Política Nacional de Educação Especial no que se refere à área da deficiência visual e suas implicações; promover a educação de deficientes visuais, visando garantir o atendimento educacional e a preparação para o trabalho de pessoas cegas e de visão reduzida; promover, realizar e divulgar estudos e pesquisas nos campos pedagógicos, psicossocial, oftalmológico, de prevenção das causas da cegueira e de integração e reintegração à comunidade de pessoas cegas e de visão reduzida; desenvolver programas de reabilitação, pesquisas de mercado de trabalho e de promoção de encaminhamento profissional objetivando possibilitar, às pessoas cegas e de visão reduzida, o pleno exercício da cidadania e ainda, atuar de forma permanente junto à sociedade, através dos meios de comunicação de

massa e de outros recursos, focando no resgate da imagem social das pessoas cegas e de visão reduzida.

Divisões do IBC:

O Instituto é composto por Divisões, que são setores responsáveis por aspectos que favorecem o pleno desenvolvimento da pessoa com deficiência visual. Entre estas Divisões, vale a pena enaltecer neste estudo a Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional (DRT) e a Divisão de Atividades Culturais e de Lazer (DAL).

A Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional (DRT) possui entre outros objetivos, o de promover atividades para o uso e leitura e escrita do Sistema Braille, de equipamentos para cálculos, de exploração do software do sistema dosvox, etc. Ainda, são desenvolvidas atividades referentes à Orientação e Mobilidade (OM), Atividades da Vida Diária (AVD), escrita cursiva, inglês básico, música, teatro, cestaria, artesanato, cerâmica, educação física, além de cursos profissionalizantes como shiatsu, drenagem linfática manual, reflexologia dos pés, afinação de piano, etc. Os Reabilitandos integrantes desta Divisão podem ainda participar de programas específicos como o Grupo da Terceira Idade e o Centro de Convivência (atividades educativas, culturais e de promoção da autonomia psico-social de reabilitandos que já concluíram atividades básicas de reabilitação).

Já a Divisão de Atividades Culturais e de Lazer (DAL) pauta-se, entre outras competências, na administração, elaboração e realização da programação do Museu, do Teatro, da Biblioteca e do Espaço Cultural do Instituto, além de promover programas de atividades sócio-culturais, artísticas e cívicas, incentivando a prática do lazer em eventos internos e externos.

De acordo com a estrutura geral do Instituto, a composição do mesmo se dá do seguinte modo:

1. Gabinete – GAB

2. Departamento de Educação – DED

2.1. Divisão de Ensino – DEN

2.2. Divisão de Assistência ao Educando – DAE

2.3. Divisão de Atividades Culturais e de Lazer – DAL

2.4. Divisão de Orientação Educacional, Fonoaudiológica e Psicológica – DOE

3. Departamento Técnico Especializado – DTE

3.1. Divisão de Imprensa Braille – DIB

3.2. Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação – DDI

3.3. Divisão de Pesquisa e Produção de Material Especializado – DPME

3.4. Divisão de Capacitação de Recursos Humanos – DCRH

4. Departamento de Estudos e Pesquisas Médicas e de Reabilitação – DMR

4.1. Divisão de Pesquisa e Atendimento Médico, Odontológico e Nutricional – DPMO

4.2. Divisão de Orientação e Acompanhamentos – DOA

4.3. Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional – DRT

5. Departamento de Planejamento e Administração – DPA

5.1. Divisão de Pessoal – DP

5.2. Divisão de Serviços Gerais – DSG

5.3. Divisão de Programação e Execução Orçamentária e Financeira – DOF

5.4. Divisão de Material e Patrimônio – DMP

O Município do Rio de Janeiro:

O Rio de Janeiro é uma cidade de referência mundial, consolidada como destino para os diferentes fluxos turísticos que se dirigem ao cone sul.

Segunda maior metrópole do Brasil, situada no sudeste do País, é a cidade brasileira mais conhecida no exterior e a maior rota do turismo internacional no Brasil, funciona como um "espelho", ou "retrato" nacional, de forma positiva ou negativa (RIO DE JANEIRO, 2005).

É um dos principais centros econômicos, culturais e financeiros do país, sendo internacionalmente conhecida por diversos ícones culturais e paisagísticos, como o Pão de Açúcar, a Estátua do Cristo Redentor (uma das Sete maravilhas do Mundo Moderno), as praias de Copacabana, Ipanema e Barra da Tijuca (entre outras), o Estádio do Maracanã, o Réveillon de Copacabana e o Carnaval.

Representa o segundo maior PIB do país, estimado em R\$ 118.979.752.000 (IBGE/2005), e é sede das duas maiores empresas brasileiras – a Petrobrás e a Vale, e das principais companhias de petróleo e telefonia do Brasil, além do maior conglomerado de empresas de mídia e comunicações da América Latina, as Organizações Globo.

Foi capital do Brasil Colônia a partir de 1763, capital do Império Português na época das invasões de Napoleão, capital do Império do Brasil, e capital da República até a inauguração de Brasília, na década de 1960. É também conhecida por “cidade maravilhosa”, titulação mundialmente conhecida (COARACY, 1965).

Cartão postal do país, a cidade destaca-se por sua exuberante beleza natural, formada pela perfeita harmonia entre o mar e a montanha. Se junta a esta topografia monumentos históricos, variada oferta de meios de hospedagem, bares, restaurantes, o sol, a praia, o verde das encostas e chega-se à receita do que faz com que a população seja alegre e hospitaleira.

Nela se identifica o estilo de viver, produzir, comportar-se, estar atento a todos os acontecimentos, lançar moda e expressões. Esse jeito de ser é resultado da vida ao ar livre que o Rio propicia, dando abertura para que o povo desta cidade absorva com muita peculiaridade tudo e todos que aqui chegam. Por isso o Rio de Janeiro tem, como principal vocação, o turismo.

Concordando com tantas particularidades naturais e únicas da cidade, ganha destaque o lazer ofertado em todos os cantos do município, exibindo variedades para todos os gostos e suprimindo todos os desejos entre as mais de 25 praias, mais de 600 lanchonetes e restaurantes, 100 salas de cinemas e 40 de teatros, 19 museus, 39 shoppings centers, 700 praças e 18 parques públicos, 50 quadras de esportes e outras tantas 100 boates/danceterias espalhadas nas quatro zonas que compõem essa diversidade de diversão e descanso que estampa a cidade tão maravilhosa (RIO DE JANEIRO, 2005).

ANEXO 2



CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

O presente trabalho se propõe a analisar o significado do lazer e a participação nessa manifestação para pessoas com cegueira adquirida que freqüentam o Instituto Benjamin Constant (IBC-RJ). Os dados para o estudo serão coletados por meio de entrevista com questões orientadoras referentes ao lazer dos participantes. Esta entrevista, que terá a utilização de um aparelho gravador de áudio como forma de auxiliar a pesquisadora na análise dos dados, será realizada pela mesma em uma sala reservada neste Instituto. Será garantido sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum.

Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Mestrado da Pedagoga Vânia Warwar Archanjo, aluna do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Vânia Warwar Archanjo

Prof^a.Dr^a. Elcie Aparecida F. Salzano Masini
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(11) 2114-8247

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, sujeito de pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Rio de Janeiro, de de

Assinatura do sujeito ou seu representante legal

ANEXO 3

**CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA e
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(transcrito em Braille)**

ANEXO 4



CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Esta pesquisa propõe analisar o lazer de pessoas com cegueira adquirida entre 32 e 59 anos a partir de entrevista, sendo abordado o significado do lazer para elas e a sua participação nessa manifestação. Para tal solicitamos a autorização deste Instituto para a triagem dos participantes desta investigação e para a realização da entrevista, nosso instrumento de coleta de dados. As entrevistas serão gravadas com a autorização dos entrevistados, como forma de auxílio para a análise posterior a ser realizada pela pesquisadora. O material e o contato interpessoal não oferecerão riscos aos colaboradores e ao Instituto. Os indivíduos não serão obrigados a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. Tudo o que for falado será confidencial e usado sem a identificação do participante. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou depois poderão ser livremente esclarecidas, bastando entrar em contato conosco no telefone abaixo mencionado. De acordo com estes termos, favor assinar abaixo. Uma cópia ficará com a instituição e outra com os pesquisadores. Obrigada.

Vânia Warwar Archanjo

Profª.Dra. Elcie Aparecida F. Salzano Masini
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(11) 2114-8247

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) senhor (a) _____, representante da instituição, após a leitura da Carta de Informação à Instituição, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância quanto à realização da pesquisa. Fica claro que a instituição, através de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Rio de Janeiro,..... de de

Assinatura do representante da instituição

4- Como é a sua participação no lazer?

5- Essa participação mudou após ter entrado aqui no Instituto? De que modo?

6- Você participa de atividades de lazer proporcionadas pela sua família e amigos? Quais são elas?

7- Faça uma comparação do seu lazer antes e depois de ter adquirido a cegueira:

8- Atualmente você encontra dificuldades para freqüentar alguns espaços de lazer? Explique:

9- Refletindo sobre essa nossa conversa, você se sente incluído(a) no lazer após ter adquirido a cegueira? Comente:
